

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

GABRIELA SEIXAS

NEGRAS MULHERES ESTILHAÇANDO MÁSCARAS:
Análise das práticas de (re)existência e ativismo no processo de mobilização social
a partir do Facebook

PORTO ALEGRE,

2018

GABRIELA SEIXAS

NEGRAS MULHERES ESTILHAÇANDO MÁSCARAS:

Análise das práticas de (re)existência e ativismo no processo de mobilização social
a partir do Facebook

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharela em Relações Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Monica Pieniz

PORTO ALEGRE

2018

GABRIELA SEIXAS

NEGRAS MULHERES ESTILHAÇANDO MÁSCARAS:

O ativismo como parte de uma identidade on-line e off-line

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Relações Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Monica Pieniz

Aprovada pela banca examinadora em: de de 2018.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Fernanda Oliveira - UFRRJ

Prof.^a Dr.^a Nilda Jacks - UFRGS

Prof.^a Dr.^a Monica Pieniz – UFRGS (Orientadora)

AGRADECIMENTOS

À Kissimbi e a Oxum, que me mantiveram de pé e com sua luz me conduziram e me ampararam quando nem eu mesma acreditava mais em mim.

À minha mãe Eliane que também além de ter me gerado, até hoje me dá colo, me conduz e me ajuda enfrentar os obstáculos da vida. Uma Mãe, uma Amiga, um amor tão grande quanto o mar e que nenhuma palavra é capaz de expressar. A minha Mãe de Santo Dia Maza, a Samba Kalunga e ao Caboclo Irara e todas as falanges e entidades que me fortaleceram e nutriram minha alma e meu espírito. Ao meu Pai Eduardo, que com seu jeito de ser, me faz refletir, me ensina e me permite ser o que sou no mundo. Ao meu irmão Felipe, meu exemplo de filho/irmão/pai, que me enxerga quando nem eu mesma me encontro mais.

À Julia Dutra, minha psicóloga que me ajudou a enxergar a cor e a alegria de viver novamente, que me ajudou a desaninhar os nós e a sonhar em estar aqui, finalizando a graduação e pensando em futuro acadêmico. À Professora Cecília Blaskoski que incentivou a minha escrita ainda no Ensino Fundamental, o que fez toda a diferença em minha vida e me permitiu ingressar na Universidade. À minha orientadora, de vida e de Academia, Prof.^a Mônica, a quem não tenho palavras pra agradecer tamanho companheirismo, exemplo de profissional e mulher que és.

Aos meus amigos: Katiúscia Machado, que em meu pior momento na depressão, ficou direto comigo, me arrastou na tristeza e me transmitiu toda a sua alegria de viver e encarar o mundo; Bruna Zucco, meu ombro amigo, parceria de trabalhos, da Fabico, de viagens, da vida; Ketlyn por suas ligações preocupadas, apoio e incentivo; Demétrio, pelo companheirismo desde o primeiro dia de matrícula na Fabico; Kassiele, Gabriel e Nilton, por dividirem os rolês, os abraços e conversas. À Marjana, Juh Balhego, Jonatan, Bruno e Zele pela parceria nos anos de Afronta Fabico.

A todas as Atinukés, Marielle Franco, a Claudia Silva Ferreira e a todas negras mulheres que lutaram e lutam pelas suas vidas e a dos seus, agradeço e dedico este trabalho.

Por que eu escrevo?
Porque eu tenho que
Porque minha voz
em todas suas dialéticas
foi silenciada por muito tempo

Jacob Sam-La Rose

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender o protagonismo de negras mulheres a partir de seu ativismo nas redes sociais diante da mediação estrutural da tecnicidade e considerando o histórico de mobilização vivenciado por estas mulheres. Os procedimentos metodológicos utilizados foram questionário on-line, entrevista e análise documental. Com as pesquisas conseguimos perceber diferentes formas de atuação destas negras mulheres tendo como base a tecnopolítica e o ciberativismo: as que agem majoritariamente no sentido de denunciar ao Facebook atitudes racistas dos usuários e as que utilizam o Facebook como plataforma para denunciar questões sociais por meio de postagens. Através da análise feita neste trabalho, podemos perceber que a identidade destas negras mulheres está intrínseca à práticas de ativismo, o que provoca a desestabilização de identidades antes fixas.

Palavras-chave: identidades culturais; negras mulheres; mobilização social; tecnicidade; redes sociais.

ABSTRACT

This work has the general objective to understand the protagonism of black women from their activism in the social networks before the structural mediation of technicality and considering the history of mobilization experienced by these women. The methodological procedures used were on-line questionnaire, interview and documentary analysis. With the research we can perceive different forms of action of these black women based on technopolitics and cyber-activism: those that act mainly to denounce to Facebook racist attitudes of users and those who use Facebook as a platform to denounce social issues through posts. Through the analysis made in this work, we can see that the identity of these black women is intrinsic to practices of activism, which provokes the destabilization of previously fixed identities.

Keywords: cultural identities; black women; social mobilization; technicity; social networks.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Mapa das Mediações.....	34
Figura 2 – Confirmação de Identidade.....	50
Figura 3- Bloqueio temporário.....	50
Figura 4- Remoção de publicação.....	51
Figura 5 – Normas da Comunidade.....	51
Figura 6 - Print dos comentários da segunda publicação da campanha.....	58
Figura 7 - Print dos comentários da segunda publicação da campanha.....	59
Figura 8 - Print dos comentários da segunda publicação da campanha.....	59
Figura 9 - Print dos comentários da segunda publicação da campanha.....	60
Figura 10 – Mensagem recebida após a campanha.....	60
Figura 11 – Mensagem recebida após a campanha.....	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Rendimento médio real habitual.....	21
Gráfico 2 – Faixa etária das respondentes.....	38
Gráfico 3 – Raça/cor das respondentes.....	39
Gráfico 4 – Escolaridade das respondentes.....	39
Gráfico 5 - Negras bloqueadas.....	44
Gráfico 6 – Temáticas dos conteúdos postados.....	54
Gráfico 7 – Diagrama.....	63

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. IDENTIDADES CULTURAIS SOB O OLHAR DA DIFERENÇA.....	14
2.1. A Máscara.....	14
2.2. As Outras das Outras.....	20
3. MOBILIZANDO ATRAVÉS DAS BRECHAS.....	25
3.1.A construção da Mobilização Social no Movimento Negro	25
3.2. Do on-line ao off-line e vice-versa.....	30
3.3.As amarras da nova máscara.....	33
4. IDENTIFICANDO MÁSCARAS.....	35
4.1. Procedimentos metodológicos.....	35
4.2. Análise dos Dados.....	37
4.2.1. Perfil Traçado.....	37
4.2.2. Histórico de ativismo on-line e off-line.....	40
4.2.3. Percepções das redes on-line.....	49
4.2.4. O que publicam as negras mulheres?.....	53
4.2.5. Ação e reação do off-line ao on-line.....	56
4.3. Negras mulheres gerenciando espaços de ativismo nas redes sociais.....	63
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
APÊNDICE A – Questionário.....	75
ANEXO A – Padrões da Comunidade.....	84
ANEXO B - Padrões da Comunidade: Violência Plausível.....	87
ANEXO C - Indivíduos Perigosos.....	89
ANEXO D - Padrões da Comunidade Promoção ou divulgação de Crimes.....	92
ANEXO E - Padrões da Comunidade: Danos Reais.....	93
ANEXO F - Padrões da Comunidade – Segurança.....	94
ANEXO G- Padrões da Comunidade – Segurança: Conteúdo Questionável....	98
ANEXO H - Padrões da Comunidade-Segurança: Discurso de Ódio.....	100

1.INTRODUÇÃO

Quatro anos na faculdade de comunicação mudaram meus pensamentos e minhas atitudes. Foi neste espaço que descobri, junto de outros colegas negros, quão difícil seria a caminhada na vida de jovem adulta negra, mulher e pobre, que sou. Chegar com 17 anos, vinda de uma escola pública, da região metropolitana para o mundo que a Universidade oferece, de primeira, foi bastante assustador; depois, convidativo; e logo após me inserir ou criar espaços - como o caso do Afronta Fabico - eu emudeci. A Universidade, apesar de me proporcionar experiências que jamais imaginei, também retirou - com a mesma força - o que eu havia conquistado a muito custo: a minha voz.

Durante os anos em que estive a frente do Afronta Fabico, e mais ativa na militância junto ao Movimento Negro, adquiri voz - voz essa que ecoava e que transformava as pessoas a minha volta. Com as palavras eu conseguia, de certa forma, transformar, mesmo que pouco, a visão de algumas pessoas, fazê-las refletir e convocar para pensar uma sociedade mais igualitária. Não nego que minha experiência mais ativa junto a militância foi pouca, mas tenho muito orgulho do que fiz, pois não medi esforços para que questões raciais começassem a ser mais discutidas, principalmente na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), que agora estou prestes a me despedir.

Este espaço que propiciou que eu conhecesse novas pessoas, novos lugares, e que tivesse acesso a tanta informação e saberes, também foi o mesmo que ajudou a me definir enquanto pessoa negra, pois quanto mais eu tentava falar sobre raça, mais diferentes grupos de pessoas a minha volta tentavam sutilmente me calar com práticas racistas. Como dito por Alisson Batista (2016), psicólogo negro formado pela UFRGS:

afirmar que uma instituição é racista não significa depositar nela todo o peso de séculos de processos raciais, tampouco acusá-la de uma intenção a priori de reproduzir o racismo, mas sim afirmar que existem evidências sobre as dinâmicas raciais que lhe atravessam e operam na manutenção do racismo. (BATISTA, 2016, p.16)

A baixa participação da comunidade Fabicana nas atividades promovidas pelo Movimento Afronta, e uma série de outros fatores (alguns relatarei ao longo do trabalho) causaram uma deslegitimação do Afronta Fabico, e isso colaborou para desmotivar as pessoas que estavam envolvidas em tais atividades. E eu fui uma delas. O que ocorreu com o Afronta, foia gota d'água depois de quatro anos de racismo institucionalizado, onde desde a matrícula fui pouco a pouco, ficando sem palavras.

Depois de quase um ano estagnada, até mesmo na vida acadêmica, e após estar meses em tratamento para depressão, finalmente a voz e as palavras voltaram. Este tempo em que me afastei e calei foi bom para perceber o quanto a Academia precisa de pessoas que falem de suas dores, de suas lutas, do sofrimento que é - enquanto pessoa negra - ser e estar neste espaço. Depois de tanta reflexão, comecei a dar mais valor para a palavra, para o que mulheres negras, como eu, estão dizendo e transformando. E, então, surgiu a ideia deste trabalho, que tenta, mesmo que com uma certa prepotência, dar visibilidade às vozes, a fim de legitimar o que essas mulheres negras estão reivindicando através do Facebook, entendendo-as como Ciberativistas.

Sendo esta ferramenta tão ambígua - à medida que abre espaço para que novas vozes falem, e as pune se não seguem suas regras, mesmo que estas não sejam tão *claras* -, o Facebook ainda é a ferramenta mais utilizada por aquelas e aqueles que não têm visibilidade na grande mídia massiva e institucionalizada. Esta revolução de vozes marginalizadas que falam, se organizam e transformam em ação o que dizem, tem incomodado. Prova disso são os constantes bloqueios de acesso à rede que negras vêm sofrendo, simplesmente, por contestarem hegemonias, sejam elas sobre raça, gênero, classe ou sexo. A forma como estas negras mulheres vêm atuando nas redes, e o desenrolar de ações de restrição utilizando o aparato tecnológico será tratado aqui, teoricamente, a partir do conceito de mediação estrutural da tecnicidade, de Jesús Martín-Barbero, o qual diz respeito às mudanças na vida dos sujeitos, às quais vão além do simples uso da técnica.

Sendo o profissional de Relações Públicas o responsável por garantir esforços na manutenção da harmonia social, o trabalho se justifica profissionalmente, pois oferece subsídios para o reconhecimento dos diversos públicos envolvidos nas redes sociais, focando na atuação destas negras mulheres como protagonistas de uma gama de novos públicos e conhecimentos influenciados e gerados por estas.

Este trabalho, portanto, tem como problema de pesquisa a pergunta: como negras mulheres têm gerenciado espaços de ativismo nas redes sociais diante da mediação estrutural da tecnicidade? Tendo como objetivo geral: compreender o protagonismo destas negras mulheres a partir de seu ativismo nas redes sociais. Buscando responder tal questão e, conseqüentemente, alcançar o objetivo geral, os objetivos específicos são: **1)** compreender o histórico de ativismo on-line e off-line destas mulheres; **2)** averiguar as percepções destas sobre os espaços de redes sociais on-line; **3)** identificar quais conteúdos

estas negras mulheres estão compartilhando e trocando entre si e 4) investigar as reações on-line e off-line diante dos comentários que estas negras mulheres recebem em suas postagens.

Tendo como base o que foi bem dito por Conceição Evaristo, “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” este trabalho tem como intuito tratar do tema a partir da lógica da escrevivência, onde a escrita se faz através da vivência, do cotidiano. Uma autoetnografia, com o intuito de “abrir a perspectiva científica para além da racionalidade objetiva, integrando os aspectos negligenciados pela cultura científica ocidental na produção do conhecimento.” (MOTTA; BARROS, 2015).

Deste modo, no capítulo 2, partindo de uma análise histórica sobre silenciamento e subalternização de corpos negros femininos, falarei sobre a construção de identidades culturais, sob o ponto de vista da diferença e da hegemonia, para a construção do que hoje identificamos como negras mulheres. Para isso, apresentarei brevemente a história de Anastácia, no item 2.1, onde também aprofundarei sobre identidades culturais e a construção da identidade negra sob o olhar da diferença. No item 2.2, discutirei a respeito de raça e gênero interseccionalizados na identidade de negras mulheres, trazendo à luz conceitos de Grada Kilomba e Simone de Beauvoir, para conceituar e localizar as mesmas no campo social analisado.

No capítulo 3, tendo como base Toro e Werneck para conceituar mobilização social, falarei sobre como a mesma acontece em um cenário hostil de discriminação. Neste capítulo, partindo da concepção sobre brechas, de Martín-Barbero, discutiremos, no item 3.1, como o Movimento Negro se consolidou - passando de causa social à institucional - utilizando estratégias e táticas para se legitimar e continuar atuando em diferentes frentes com seus atores sociais, agora até mesmo no âmbito on-line, como poderemos conferir no item 3.2, que também discutirá sobre a diferenciação de termos como ciberativismo e tecnopolítica. Já no item 3.3, com base na teoria de Martín-Barbero, tratarei sobre as mediações, focando principalmente no conceito de tecnicidade.

Posteriormente, o capítulo 4 abordará os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa, no item 4.1, e sobre a análise dos dados obtidos através da questionário on-line, entrevistas e da análise documental. Para enfim,

chegarmos a conclusão do trabalho no capítulo 5, onde estarão presentes as considerações finais do processo da pesquisa.

2. IDENTIDADES CULTURAIS SOB O OLHAR DA DIFERENÇA

Stuart Hall já afirmava em 2006 que as identidades estavam entrando em colapso. As mudanças estruturais e sociais permitiram o surgimento de identidades conflituosas entre si e destabilizadoras dos padrões antes fixos da sociedade, como é o caso das identidades que envolvem negras mulheres. Neste capítulo, partindo de uma análise histórica sobre silenciamento e subalternização de corpos negros femininos, falarei sobre a construção de identidades culturais sob o ponto de vista da diferença e da hegemonia para a construção do que, hoje, identificamos como negras mulheres. Para isso, apresentarei brevemente a história de Anastácia, no item 2.1, onde também aprofundarei sobre identidades culturais e a construção da identidade negra sob o olhar da diferença. No item 2.2, discutirei a respeito sobre raça e gênero interseccionalizados na identidade de negras mulheres, trazendo a luz conceitos de Kilomba e Beauvoir, para conceituar e localizar as mesmas no campus social analisado.

2.1 A Máscara

A imagem de uma negra mulher com uma máscara em sua boca sempre me vem à mente quando falo sobre silenciamento e invisibilidade a que mulheres negras estão “predispostas” a vivenciar nesta sociedade. A imagem trata-se de Anastácia, negra escravizada que, segundo Teixeira (2012), teria sido castigada por provar um torrão-de-açúcar.

Anastácia, que viveu por volta de 1740, é retratada em livros como uma negra mulher ativa, intempestiva e muito atraente, provocando a inveja das sinhas. A mordação em sua boca portanto, não a impedia somente de se alimentar, como de falar, impondo-lhes os senhores como castigo, o silêncio. Ribeiro (2017), traz em seu livro o pensamento de Kilomba que “pensa essa máscara como a forma do projeto colonial. Vê essa máscara como a ‘mask of speechless – em tradução literal ‘a máscara daqueles que não podem falar’.”. A mordação imposta a Anastácia seria, portanto, uma tentativa não só de a calar,

como uma afirmação de subalternização da mesma à fala dos senhores, legitimando desde então a “política de silenciar ‘Os Outros’”.

Quanta ousadia seria para uma negra escravizada falar? O que temiam os senhores de escravos com a fala de Anastácia? Por que ainda hoje há quem tema e se esforce continuamente para deslegitimar a fala de negras mulheres? Em entrevista ao site Carta Capital, a escritora negra brasileira Conceição Evaristo coloca que mulheres negras “sabem falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada”. Este estilhaçamento da máscara talvez seja o motivo de tanto temor, pois é inegável a força do discurso de vozes negras em uma sociedade em que, segundo o IBGE¹, 54% da população é negra e que mesmo assim, continua não conseguindo ser maioria em outros espaços que não os de maior mortalidade obstétrica² (65,4%.), população presidiária³ (61.6%.), desemprego⁴ (63,7% totalizando 8,3 milhões pessoas negras e pardas desempregadas), ou nas taxas de homicídio - a população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios⁵. O que temem, não é, portanto a nossa fala em si, mas sim o reconhecimento de quais forças e quem está impondo estas máscaras sobre a população negra, pois reconhecendo os atuais fatores o estilhaçamento da máscara seria inevitável, principalmente as que nos silenciam.

Estas tentativas de silenciamento, evidentes a partir destes dados, acontecem por todo um fator histórico na construção de um país de origem colonialista e de heranças escravocratas, que ainda hoje deixam fortes marcas na população negra brasileira, resquícios que permitem que tramite em nossa sociedade uma autorregulação de quem e até que ponto podem falar aqueles que não detém o poder, sejam eles simbólicos ou materiais. Para entender como acontece essa deslegitimação, se faz necessário compreender primeiro como se dá a construção cultural das identidades destas que são minorizadas duplamente, sendo elas negras mulheres.

No começo de seu livro *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*, Stuart Hall faz a seguinte afirmativa “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014)

² Fonte: Ministério da Saúde (2015)

³ Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2017)

⁴ PNAD Contínua 2017 - IBGE

⁵ Atlas da Violência 2017- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (2006, p.7). Hall de forma inteligente consegue a todo momento falar sobre raça e classe em seus textos, mesmo que de forma não muito nítida para olhos esbranquiçados pela cegueira dos próprios privilégios. Prova disso está em seu texto “Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior” (1999), onde o autor, de origem caribenha, fala sobre a construção da identidade caribenha diante da globalização. O autor, além de ser um intelectual que contribuiu muito para os estudos culturais e de recepção com sua teoria de codificação/decodificação, era também um homem negro que refletia o mundo através de seu lugar no campo social. Escolher como tema de pesquisa negras mulheres ciberativistas também parte desta premissa de falar a partir de meu próprio entendimento de mundo, pois pelo simples fato de reivindicar minha fala, já consiste no que Hall, chamou como a “crise de identidade” por desestabilizar todo o cenário social, fazendo emergir um discurso contra hegemônico.

A descentralização das identidades começa a acontecer, principalmente, com o advento das tecnologias instantâneas, que além da agilidade de informações, notícias, promovem um deslocamento do que antes era centrado no local. A possibilidade de entrar em contato com outras realidades, que não a sua, possibilitou um processo de transformação social tão profundo, fundindo-se no que Hall (2006) chamou de sujeito pós-moderno. Resultado das constantes mudanças cada vez mais ágeis, o sujeito antes entendido com sua identidade fixa e imutável, adapta-se a medida em que os sistemas de significação e representação cultural transformam-se e torna sua identidade uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados.” (HALL, 2006, p.13).

Stuart Hall traz a luz a questão do “jogo das identidades” para tratar da contrariedade a medida em que as identidades por não serem mais fixas, se deslocam mutuamente pois:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes descrito como constituindo uma mudança de política de identidade (de classe) para de diferença. (HALL, 2006, p. 21)

Sabendo que isto foi teorizada por Hall em 2006 e que se hoje vemos um reacionismo e racismo tão atuante em nossa sociedade, acredito que Hall sabiamente tenha utilizado e englobado o termo diferença para falar de raça, ao ponto que evidência

classe anteriormente, pois são estes fatores preponderantes no estabelecimento do locus social dos indivíduos. Quantos autores quando pautam raça não são invisibilizados ou inutilizados nas salas de aula por uma lógica epistêmica de apagamento a produção da intelectualidade negra? “Epistemicídio” conforme conceituado por Sueli Carneiro (2015). Em seu artigo de 1998 “Que negro é esse na Cultura Negra?”, Stuart Hall vai tratar sobre essas diferenças e sobre a ambivalente fascinação dos sujeitos pós-modernos (branco, cis, hétero) a tudo aquilo que difere de si mesmo (como sexo, raça, cultura e principalmente de questões étnicas). Compreende-se então porque durante tanto tempo houve uma certa fascinação pelo que era considerado primitivo, desde que somente como objeto de estudo ou apreciação.

As novas tecnologias e a abertura que promoveram no que diz respeito à informação e a comunicação permitiram que sujeitos antes considerados primitivos pudessem começar a falar e a mudar, mesmo que a pequenos passos, a forma como eram culturalmente tratados e retratados.

Essa ruptura do primitivismo, administrada pelo modernismo, tornar-se um outro evento pós-moderno. Essa administração é certamente evidente na diferença que pode não produzir diferença alguma e que marca o surgimento ambíguo da etnicidade no âmago do pós-modernismo global. Mas não pode ser só isso, pois não podemos esquecer como a vida cultural, sobretudo no Ocidente e também em outras partes, tem sido transformada em nossa época pelas vozes das margens. (FOSTER, 1985. p.204, apud HALL, 2006)

Hall complementa de uma forma bastante positiva o quanto é importante o surgimento destas vozes marginalizadas através de uma série de políticas, que ele chamou de política da diferença, de lutas em torno da diferença. E recorre a Michele Wallace para falar sobre a deslegitimação que ocorre quando sujeitos interpelados por poderes rejeitam a fala dos que estão fora do sistema de epistemologias dominantes:

Devemos indagar sobre esse silêncio contínuo no terreno movediço do pós-modernismo e questionar se as formas de autorização do olhar a que esta proliferação da diferença convida e permite, ao mesmo tempo em que rejeita, não seriam, (...) a diferença que não faz diferença alguma. (WALLACE, p. 39, apud HALL, 2006).

A autora critica o silenciamento provocado pelos sujeitos pós-modernos justamente a quem dizem “admirar”, pois esta admiração pela beleza negra, pela fala empoderada, pela cultura e estética, pelo ser negro, seria portanto uma dúbia admiração, pois permite que pessoas negras *sejam* desde que tenham a autorização do sujeito pós-moderno. Pois o sujeito negro ganha a legitimidade em sua fala somente quando esta serve para admiração e autoafirmação, desde que não incomode e não provoque

tensionamentos, porque ao mesmo tempo que admiram, não se comovem e não estão dispostos a lutar por mudanças reais, quando se tratando de vidas negras. Pelo contrário atuam de forma racista, precarizam a saúde, o mercado de trabalho, a educação básica e dificultam ainda mais o acesso destas pessoas marginalizadas a uma outra realidade e ainda minimizam ou deslegitimam a luta daqueles que, pelos detentores de poder só são considerados, Os Outros, pois seguindo o pensamento de Carlos Moore (2012):

A função básica do racismo é blindar os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, cuja dominância se expressa por meio de um continuum de características fenotípicas, ao tempo que fragiliza, fraciona e torna impotente o segmento subalternizado. A estigmatização da diferença com o fim de “tirar proveito” (privilégios, vantagens, direitos) da situação assim criada é o próprio fundamento do racismo. Esse nunca poderia separar-se do conjunto dos processos sistêmicos que ele regula e sobre os quais preside tanto em nível nacional quanto internacional (MOORE, p. 284).

Martín-Barbero sob o conceito de Gramsci nos possibilita pensar hegemonia como sendo um processo de dominação “no qual uma classe hegemônica, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.116).

Afirmar que nossa sociedade se legitima na diferença e estabelece a identidade do outro, é dizer também que há um regimento interno que estabelece a manutenção de hegemonias que são capazes, seja por suas forças materiais ou imateriais de estabelecer um certo padrão. Falar sobre hegemonia na sociedade brasileira é falar principalmente sobre raça, pois enquanto detentores de poderes temos indivíduos brancos ditando as regras, mesmo que seja o Brasil, majoritariamente negro. Estamos falando portanto de racismo institucionalizado, pois ultrapassa questões individuais e como dito por Nei López:

(...) atua de forma difusa no funcionamento cotidiano de instituições e organizações, que operam de forma diferenciada na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população do ponto de vista racial. Ele extrapola as interpessoais e instaura-se no cotidiano institucional, inclusive na implementação efetiva de políticas públicas, gerando, de forma ampla, desigualdades e iniquidades (LÓPEZ,2012, p.127).

Surpreendentemente ou não, dizer que são pessoas brancas que dominam e determinam os poderes desta sociedade, de certa forma parece ser algo incômodo para aqueles que pertencem a certa categoria racial. Pois seguindo a linha ‘somos todos iguais’ muitas pessoas brancas ainda afirmam e embasam seus discursos na premissa de que a única raça existente é a humana, porém sociologicamente falando o que notamos em nossa sociedade é a reprodução da manutenção de privilégios para aqueles que nem se

veem como raça, pois “enquanto o branco é visto como indivíduo universal não racializado, o Outro é primordialmente um membro racializado e um coletivo.” (FERES, 2015).

Não se enxergar enquanto raça é absolutamente um privilégio de pessoas brancas, pois a medida que sempre tivemos ao longo da história da sociedade pesquisadores que se detiveram a pesquisar pessoas negras em seus trabalhos científicos, obviamente se está sim afirmando que há uma diferença. Neste sentido, Toni Morrison (1992. apud KILOMBA. p. 175)

usa a expressão “dessemelhança”, para descrever a “branquitude” como uma identidade dependente, que existe através da exploração do ‘Outro’, uma identidade relacional construída por brancos(as), definindo eles(as) mesmos(as) como racialmente diferentes dos ‘Outros’. Isto é, a Negritude serve como forma primária de alteridade, pela qual a branquitude é construída. O ‘Outro’ não é outro per se; ele/ela torna-se tal através de um processo de absoluta negação.⁶

Mesmo sendo esta diferença sido criadas pelos mesmos, agora que vem sendo confrontados por pessoas negras, que cada vez tem ganhado mais espaço para se posicionarem e disputarem discursos, se veem num beco sem saída. bell hooks⁷ (1990 apud GIROUX, 1999, p. 104)⁸ embasa este argumento falando como a intelectualidade branca vem focalizando em sua análise de raça sempre “os outros”, mas fazendo muito pouco, pra não dizer nada, para “investigar e justificar todos os aspectos da cultura branca sob o ponto de vista da ‘diferença.’”, tão pautada se tratando de identidades que não as suas.

O modo como a branquidade tem se isentado de discussões e ao mesmo tempo trabalhado constantemente na manutenção de um tecer de redes de privilégio, somente começaram a ganhar destaque nas discussões sobre a sociedade brasileira, quando vozes negras começaram a ter poder de fala dentro de diversos setores da sociedade, pois como podemos notar ao longo da história, “o olhar negro sobre o racismo torna a branquidade visível; já o olhar branco a invisibiliza.” (FERES, 2015, p.114)

⁶ MORRISON, Toni. *Playing in the Dark. Whiteness and the Literary Imagination*. New York: Vintage Books, 1992

⁷ A letra minúscula, pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

⁸ hooks, bell. *Yearning*. Boston: South End Press, 1990

2.2 As Outras das Outras

Ainda sobre o ponto de vista da diferença, temos a categoria gênero que também é determinante em nossa sociedade. Pois ser mulher em uma país que até então tratava casos de feminicídio como crimes passionais, cometidos em nome da paixão e do amor, é falar da hegemonia masculina em relação às mulheres e que, portanto, estão inseridas e deslocadas também como sendo ‘o outro’.

A violência contra mulher no Brasil tem índices tão altos que, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a taxa de feminicídio é de 4,8 para 100 mil mulheres, colocando o país na quinquagésima posição de países que mais violentam mulheres. Em uma sociedade racista e patriarcal, o Mapa da Violência sobre homicídios revelou ainda que o assassinato de mulheres negras aumentou cerca de 54%, totalizando 2875 negras mortas entre 2013 e o de mulheres brancas caiu 9,8% saindo de 1747 para 1576 em 2013. Podemos fazer uma ponte entre os altos índices de violência contra a mulher com a fala de Beauvoir sobre a negação da identidade de mulheres como indivíduos independentemente a relação da visão de homens:

Na medida em que a mulher é considerada o Outro absoluto, isto é – qualquer que seja sua magia – o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito. As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens. (BEAUVOIR, 1970, p.91)

A maior conscientização sobre o machismo e a crescente onda de feminismo e luta pelos direitos das mulheres tem forte influência para a diminuição nos casos de violência para com mulheres brancas, mas isso não impede que a união do racismo e sexismo não opere ainda hoje no que tange a negras mulheres. Como proferido por Sojourner Truth em 1851 na Women’s Rights Convention em Akron “Ain’t I a Woman?” (e não sou eu uma mulher), e não somos nós negras também mulheres?

Negras mulheres são entendidas como a antítese de raça e gênero dominantes para Grada Kilomba pois:

Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro. (KILOMBA, 2010, p. 124)

Neste sentido é importante ressaltar que, como dito por Audre Lorde (2009), não há como hierarquizar as opressões vividas, mas há como se reconhecer que as identidades culturais são fatores preponderantes no que diz respeito ao pertencimento do campo social que se está inserida, pois servirá como base na luta de poderes. Prova desta diferenciação é a desigualdade salarial retratada nos jornais como sendo diferente para homens e mulheres, mas que, se adentrarmos nos números, podemos ver que se trata especificamente de pessoas brancas, pois homens negros ainda recebem menos do que mulheres brancas e mulheres negras recebem menos do que todos os outros anteriores. Negras mulheres, em média não recebem mais que 40% do salário de um homem branco (mulheres brancas 70% e homens negros 60% do salário), sendo somente 5,3% dos cargos de liderança ocupados por pessoas negras atualmente no Brasil (Fonte: Coletivo Negro TRT4). Diferenciação que podemos notar também na tabela a seguir:

Gráfico 1- Rendimento médio real habitual (média 2016)



Fonte: PNAD/IBGE

A forma como negras mulheres tem que enfrentar o racismo e o machismo vai além deste sistema racista de exclusão social e consegue operar até mesmo junto aos seus, pois se homens e mulheres negros são considerados agressivos e identitários (panfletários) por trazer à tona pautas raciais, as negras mulheres são interpeladas também pelo herança de dominação escravocrata, que tenta torná-las até hoje subalternas ao homem, sendo assim, não podendo esta ter mais opinião e lutar mais, correndo o risco de tornar-se prepotente demais ao gosto masculino. As negras mulheres são interpeladas pelo “racimachismo”, conforme trazido por uma das respondentes do questionário on-line. Jurema Werneck escreve um pouco sobre a vivência do ser negra mulher no mundo e as subversões provocadas por estas no prefácio do livro *Olhos D’Água de Conceição Evaristo* (2014). Segundo Werneck as negras mulheres buscam formas de ser no mundo, fazem emergir possibilidades de radicalizar o jogo, subverter a língua do Próspero (branco), trançando caminhos para a liberdade:

A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas em um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? Parcelas da sociedade estão dizendo para você que este é o cenário. As leituras que se fazem dele traz possibilidades em extremos: pode-se ver tanto a mulher destituída, vivendo o limite do ser-que-não-pode-ser, inferiorizada, apequenada, violentada. Pode-se ver também aquela que nada, buscando formas de surfar na correnteza. A que inventa jeitos de sobrevivência, para si, para a família, para a comunidade. Pode-se ver a que é derrotada, expurgada. Mas, se prestar um pouco mais atenção vai ver outra. Vai ver Caliban (o escravo de Shakespeare em *A Tempestade*) atualizado, vivo, pujante. Aquele que aprende a língua do senhor e constrói a liberdade de maldizer! (WERNECK, 2016, p.14).

Certa vez em sala de aula, fui perguntada por uma professora o que eu acreditava que viam em mim de primeira quando eu entrava em algum espaço. Respondi dizendo que era a cor de minha pele. Claramente insatisfeita com a minha resposta, a professora me indagou sobre como eu definia a minha identidade, ao passo que respondi: mulher, negra, pobre e de periferia. Neste exato momento a professora utilizou da minha fala para abordar como classe e gênero eram fatores preponderantes, na visão dela (de mulher branca). Desconsiderando não só o fato de que minha vivência dentro daquela sala de aula era outra, como também ao fato de que, segundo Maria Aparecida Bento (2012):

A pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considerá-la. Assim o jargão repetitivo é que o problema limita-se à classe social. Com certeza este dado é importante, mas não é só isso. Na verdade, o legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação

do trabalho de quatro séculos de outro grupo. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história do Brasil. Este silêncio e cegueira permitem não prestar contas, não compensar, não indenizar os negros: no final das contas, são interesses econômicos em jogo. (BENTO, 2002, p. 2)

Trago isto neste trabalho não só para explicar o porquê desde então, como uma tática refiro-me a mim e as que assim se compõe como “negras mulheres”, mas também para explicitar uma das incontáveis vezes em que tive meu intelecto colocado a prova, por não perceberem valor as minhas vivências enquanto negra mulher e o quanto isso fez com que eu mesma duvidasse de minha capacidade intelectual, até mesmo na hora de escrever estas palavras. Outros modos de vivenciar, perceber e estudar perspectivas diferentes do padrão branco eurocêntrico não são vistas com bons olhos e poderia recorrer para explicar teoricamente o fato, somente com bell hooks e Djamila Ribeiro, que nesses mais de quatro anos de faculdade foram inspiração e acalanto:

A pensadora (bell hooks) afirma que a combinação entre racismo e sexismo implica em sermos vistas como intrusas por pessoas de mentalidade estreita. Para além disso, a própria conceituação ocidental branca do que seria uma intelectual faz com que esse caminho se torne mais difícil para mulheres negras. Ultrapassando essa fronteira, bell hooks se define como uma intelectual, aquela que une pensamento à prática, para entender sua realidade concreta. Pensamento e prática aqui não são realidades dicotômicas, ao contrário, são dialéticas, conversam entre si. (RIBEIRO, 2017, p.28)

Não é incomum ver entre conversas de pessoas negras, intitulem uns aos outros, como “intelectuais negros da atualidade”. Se por um lado parece deboche, por outro tem nessas palavras a tentativa de legitimar o pensamento uns dos outros, afirmando que aquilo explanado tem muita valia, mesmo que a construção ocidental e hegemônica diga que não. Tendo sido retirado da população negra durante muito tempo, o acesso à educação, o que vemos atualmente é uma rejeição para com estes indivíduos negros que não só têm pensamentos críticos, mas que entram na disputa da intelectualidade e de discursos.

E é exatamente não só por sujeitos negros estarem pensando a si e o mundo a sua volta, mas por estarem falando que tem havido tanto receio por parte da sociedade branca. Seria o medo branco de ouvir o que pode ser revelado pelo sujeito negro, conforme dito por (KILOMBA, 2010), que ainda traz a luz a “essência da repressão teorizado por Sigmund Freud para falar sobre as tentativas do sujeito branco em manter afastado e distante do consciente a fala do outro.

Estas tentativas de manter indivíduos negros afastados das discussões são como se todo o sistema social fosse a nova máscara colocada em Anastácia e a medida em que

a apertam e sufocam, pessoas negras são mais invisibilizadas e colocadas para margem do sistema, em uma tentativa infinita de calar essas vozes. Porém, “Quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito a própria vida.” (RIBEIRO,2017) e não há quem negue a constante luta das mulheres pelas vidas negras e isso tem feito com que as mesmas sofram até mesmo virtualmente por mais que falarem, reivindicarem. Negras mulheres estão abalando as estruturas porque, segundo Brah (2006):

O sujeito político do feminismo negro descentra o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico, e também a versão masculinista do “negro” como cor política, ao mesmo em que perturba seriamente qualquer noção de “mulher” como categoria unitária. Isso quer dizer que, embora constituído em torno da problemática da “raça”, o feminismo negro desafia performativamente os limites de sua constituição (p.357-358).

Sendo seguidoras do feminismo negro, ou de outras correntes ideológicas, como Mulherismo, por exemplo

tem sido a partir de condições profundamente desvantajosas em diferentes esferas que nós mulheres negras desenvolvemos nossas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto)definição. Ou seja, de representação a partir de nossos próprios termos, a partir do que projetamos novos horizontes de luta. Estratégias que devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação. (WERNECK, 2010, p.15).

Esse desenvolvimento de estratégias colocado por Jurema Werneck é o que vem tentando ser combatido, pois negras mulheres, que são subalternizadas pela sociedade, não só estão falando (SPIVAK, 2010), como também estão criando estratégias para reconfigurar “os aparelhos que são determinantes de valores, influenciam atitudes e formam consciência, na medida em que transmitem valores étnicos, estéticos e outros elementos que contribuem para a composição de uma identidade étnica.” (ALAKIJA, 118. Mídia e Racismo).

Negras mulheres não só se constituíram enquanto identidade sob o olhar da diferença, como também têm atualmente utilizado de ferramentas de comunicação, para a construção da identidade pensada a partir de si, por si e para si. Utilizando da linguagem, de signos e imagem para ressignificar a representação (HALL, 2016) da cultura negra e principalmente, do ser negra e mulher nesta sociedade. Pois sendo esse processo construído através de aparelhos sociais, estas têm através das redes sociais refutado “a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequentes da hierarquia social.” (RIBEIRO,2017, p.64), unindo a teoria à prática e disseminando um

compartilhamento de informação, a partir das redes sociais. Fazendo com que, desta pequena brecha no sistema, apesar de seus muitos problemas, aconteça o engate para uma mudança estrutural tornando-se agentes de mudança também no on-line.

3. MOBILIZANDO ATRAVÉS DAS BRECHAS

Segundo Toro e Werneck, mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum. Porém como acontece a mobilização em um cenário hostil onde pessoas por mais que sejam a maioria, são minorizadas? Neste capítulo, partindo da concepção de Martín-Barbero sobre as brechas, discutiremos no item 3.1 como o Movimento Negro se consolidou passando de causa social à institucional, utilizando estratégias e táticas para se legitimar e continuar atuando em diferentes frentes com seus atores sociais atuando agora até mesmo no âmbito on-line, como poderemos conferir no item 3.2.

3.1. A construção da Mobilização Social no Movimento Negro

Abordando a comunicação no presente, Martín-Barbero, em aula magna no Fórum Permanente dos Programas de Pós-Graduação de Comunicação do Estado de São Paulo em 2009, sintetiza o que negras mulheres vêm fazendo através das redes sociais: mobilizando socialmente através das brechas.

todo muro, por mais maciço que pareça, tem sempre alguma brecha que alguém pode aumentar para derrubá-lo. Para que investigar aquilo em relação que já sei que não posso fazer nada? Penso que boa parte do fracasso da maior parte das esquerdas vem do fato de que só inoculavam a desesperança, pois demonstravam que o capitalismo era tão poderoso que nada havia a fazer, sempre teria o seu estômago tão poderoso que a todos nos digeriria, em favor do capital. Eu transmito cada vez mais esperança. Cada vez ponho mais paixão no que digo, porque a única maneira hoje de fazer com que as pessoas sintam que tem algum valor o que você diz, é a convicção, a paixão. A paixão é contagiosa, não se deve pedir desculpas pela paixão.

Sendo o mundo virtual uma possibilidade de entrada de novas vozes e discursos contra hegemônicos, as falas que há muito vinham sendo discutidas somente dentro do movimento negro, obtiveram uma amplitude através das redes sociais. Isto não significa,

obviamente, que esta mobilização só haja em função de, pelo contrário, a mobilização social organizada pelo movimento negro e, especificamente, de negras mulheres, precede as redes sociais on-line, pois como dito por Toro e Werneck, a mobilização social

Pressupõe uma convicção coletiva da relevância, um sentido de público, daquilo que convém a todos. Para que ela seja útil a uma sociedade ela tem que estar orientada para a construção de um projeto de futuro. Se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente. (1996, p.5)

Estes resultados citados pelos autores, podem ser vistos através da política de reparação histórica de educação, através do sistema de cotas, a lei Nº 10.639, que prevê o ensino da história e cultura afro-brasileira e de tantas outras políticas públicas que só foram implantadas através de uma abertura do sistema político, que possibilitou que as demandas pautadas através da mobilização social do movimento negro, fossem implementadas.

Distinguir a construção do movimento social, da Organização deste é algo extremamente necessário, pois a medida em que se inicia a organização e disputa política internas dentro do próprio movimento até sua institucionalização, muita coisa aconteceu. Falar do Movimento Negro, segundo Lélia Gonzalez (1982, p. 18) “implica no tratamento de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária. Afinal, nós negros, não constituímos um bloco monopolítico, de características rígidas e imutáveis.”.

Essas variantes partem desde o surgimento do movimento, pois visto que podemos interpretar as diferentes organizações que provocavam a mobilização social e união de pessoas negras, desde quilombos, sociedades e irmandades, até mesmo os terreiros de Candomblé, é difícil explicar quando ao certo surgiu o que intitulamos hoje de Movimento Negro, devido suas várias iniciativas de mobilização pautada pela raça como: a Irmandade da Boa Morte na Bahia e a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, em Santa Maria/RS, Sociedade Floresta Aurora, em Porto Alegre, por exemplo. Porém Hamilton Cardoso⁹ (1987. Apud. Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p.21) caracteriza o período pós abolição como sendo o período de surgimento do movimento social:

Elas são conseqüências direta de uma confluência entre o movimento abolicionista, as sociedades de ajuda e da alforria e dos agrupamentos culturais negros. Seu papel é o de legitimar a existência do negro dentro da sociedade, diante da legislação. Elas reúnem os negros oficialmente, de forma

⁹ Hamilton B. Cardoso, “Limites do confronto racial e aspectos da experiência negra do Brasil”, Movimentos sociais na transição democrática, Emir Sader (org.), São Paulo, Cortez, 1987

independente, para praticar o lazer e suas culturas específicas. Escondem no seu interior pequenas organizações familiares de ajuda e solidariedade, para o desenvolvimento social.” (CARDOSO, 1987, p.15)

Entende-se, portanto, que o movimento surgiu como forma de resistência, utilizando raça como fator preponderante para a mobilização, tendo como objetivo comum a reivindicação dos direitos daqueles que são discriminados e marginalizados pelo sistema social, político, cultural e educacional. Não há aqui, o intuito de historicizar a construção do movimento, porém é importante lembrar também fato marcante na história do movimento negro, a criação do Movimento Negro Unificado e a convocação para ato público contra o racismo, onde assinavam a Câmara do Comércio Afro-Brasileira, Centro de Arte e Cultura Negra, Associação Recreativa Brasil Jovem, Afrolatino América, Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira, Jornegro, Jornal Abertura, Jornal Capoeira, Company Soul e Zimbabwe Soul, documento onde dentre outras coisas, dizia:

Não podemos mais calar. A discriminação racial é um fato marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento da Comunidade Afro-Brasileira, destrói a alma do homem negro e sua capacidade de realização como ser humano.

O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial foi criado para que os direitos dos homens negros sejam respeitados. Como primeira atividade este Movimento realizará Ato Público contra o Racismo, no dia 7 de julho às 18:30 horas, no Viaduto do Crá. Seu objetivo será protestar contra os últimos acontecimentos discriminatórios contra negros, amplamente divulgados pela Imprensa. (...)” (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 21).

Notadamente, as mulheres negras já participavam ativamente destas organizações, mas sofriam com a constante luta pela desulbalternização do racismo e do machismo, que tentavam combater por dentro, mas sempre mantendo o foco principal, a luta racial. Pois, segundo Sueli Carneiro:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros. (CARNEIRO, 2003, p. 4)

Grandes nomes como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento foram também fundamentais como organizadoras e articuladoras do pensamento das negras mulheres dentro do MNU:

Chegou um ponto que as mulheres passaram a se reunir separadamente para, depois, todos se reunirem numa sala maior, onde se discutia os problemas comuns. É claro que pintou machismo e paternalismo, mas também

solidariedade e entendimento. O atraso de alguns manifestou-se num tipo de moralismo calvinista e machista, que caracteriza o quanto se sentiam ameaçados pela capacidade e sensibilidade das companheiras mais brilhantes(...). (GONZALEZ; HASENBALG, 1982. p.34).

Luiza Bairos, em entrevista para Fernanda Pompeo em 2006, conta que uma das grandes contribuições do Movimento Negro Unificado foi tornar o racismo explícito:

Resolvemos mostrar a existência do racismo levantando denúncias de casos de discriminação. Passamos 10 anos arrolando denúncias de racismo. Reunimos casos de negros discriminados no trabalho, no ônibus, nos bancos, hospitais etc. A ideia era: se conseguirmos informações que comprovem as discriminações raciais não haverá argumentos contra isso. Também, a Universidade, lá pela metade dos anos 1980, começou a explorar mais linhas de pesquisa sobre os negros.

Esta mobilização social provocada pelo MNU pode ser entendida como mais uma estratégia de sobrevivência e de subversão do sistema, pois não é inerente ao indivíduo negro o ativismo, mas somente o fato de existir em uma sociedade em que institucionaliza o racismo, já o coloca em uma situação de “convocado” a esta mobilização, a medida em que os vitima por meio e através de políticas de exclusão que reproduzem privilégios para determinados grupos específicos.

Demarcando os papéis desempenhados no esforço da mobilização social, podemos considerar neste caso, o Movimento Negro Unificado como o produtor social, porque

tem a intenção de transformar a realidade, tem certos propósitos de mudança e se dispõe a apresentar e compartilhar esses propósitos com as outras pessoas, que vão ajudá-lo a explicitá-los, ampliá-los e, é claro, a alcançá-los. Para isto ele precisa ter uma certa legitimidade, seja própria, seja conferida por alguém ou por algum princípio, senão é difícil que ele consiga a credibilidade necessária no primeiro momento. Ao longo do processo esta legitimidade vai crescer ou diminuir, refletindo a qualidade da sua gestão do processo. É essencial que o Produtor Social seja visto não como dono, mas como precursor de um movimento que reflete uma preocupação e um desejo de mudança compartilhado. (TORO, WERNECK, 1996, p.22)

O Movimento Negro Unificado além de estabelecer estatutos, princípios e programas de ação, desde 1980 utiliza de jornais para divulgar e compartilhar suas ambições e propósitos para mudança. Mesmo que atualmente não tenha tantas articulações políticas como há anos atrás, ainda tem forte influência sobre os negros brasileiros por tudo o que foi pautado por pensadores filiados a organização, sendo a organização precursora na luta pela discriminação racial no Brasil. Esta credibilidade conquistada pelo MNU é o que o torna até hoje sinônimo, quando pessoas negras lutam contra a discriminação racial, dizendo assim que fazem parte do movimento negro,

mesmo que não sejam filiadas a instituição precursora, mas sim a luta e ao movimento social.

Estes indivíduos que fazem parte da luta contra hegemônica do movimento negro (institucionalizado ou não), são os editores, responsáveis por disseminar as pautas do produtor social, convertendo em símbolos e signos adequados as competências de percepção das pessoas que ainda estão fora desta mobilização, para que assim possam ser percebidas e decodificadas. Partindo do ponto de que “as mudanças são construídas no cotidiano por pessoas comuns, que se dispõem a atuar coletivamente, visando alcançar propósitos compartilhados.” (TORO, WERNECK, 1996, p.26), o objetivo principal do produtor social, neste caso, é atingir e modificar o campo de atuação e o pensamento de outras pessoas negras e não-negras que ainda estão fora desta mobilização, para que possa a sua luta ser “compreendida e absorvida por estes reeditores e para que ele possa convertê-la em uma forma de sentir, de atuar e de decidir” (TORO, WENECK, 1996, p. 25).

O Movimento Negro Unificado conseguiu a partir da década de 1980 promover estratégias para tensionar os poderes sociais para que gradualmente houvessem mudanças positivas para a população negra. Este tensionamento provocou uma brecha no sistema hegemônico, que a partir da inserção de pessoas negras a espaços da academia passaram a romper o “regime discursivo dominante” e “o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento estratégico no sentido de romper com a hierarquia.” (RIBEIRO, p.90).

Certeau em seu livro *A invenção do Cotidiano*, traz a diferenciação de estratégia e tática. Segundo ele, a racionalização estratégica distingue o lugar do poder e do querer, e mais é um “gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro.” (1990, p.99). A institucionalização de uma luta política social e racial é por si só, uma estratégia. Portanto, o Movimento Negro Unificado não somente possibilitou pessoas negras a terem uma organização representativa na luta contra a discriminação racial, como também garante legitimidade e desestabiliza o discurso hegemônico, conforme “convoca vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados” (TORO, WERNECK. 1996, p.5), oferecendo subsídios para que novas vozes possam surgir.

Estas vozes surgem com base nas estratégias, mas vão se constituir e ganhar visibilidade através de táticas, que são ações menores, mas que auxiliam a compor o todo.

Estas táticas segundo Certeau, são “um movimento dentro do campo de visão do inimigo”, pois

Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar, lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1990, p.100).

Estes indivíduos que escolhem participar, conscientemente ou não deste processo de mobilização, começam então a disputar cotidianamente discursos, espaços virtuais ou físicos, a promoverem ações com o objetivo comum de desestruturar a hegemonia racial e de gênero, como é o caso das negras mulheres no âmbito digital, pois se veem como “capazes de provocar e construir mudanças” (TORO; WERNECK, 1996, p. 5) coletivas. Com o surgimento das novas tecnologias e das redes sociais esse rompimento ganha ainda mais força, dando visibilidade a outras falas e lutas, fazendo da rede virtual, muito mais que uma ferramenta para entretenimento, mas também para ativismo, como é o caso das ciberativistas.

Podemos entender, então, no cenário que estamos analisando que as negras mulheres ciberativistas são fruto da mobilização social que precede a rede on-line e desempenham o papel de editoras, a medida em que ajudam a disseminar e a convocar outras pessoas ao movimento, através do uso das tecnologias para “propagar e orientar a construção de um projeto futuro” (TORO; WERNECK, 1996, p.5) para sociedade. Estabelecendo, portanto, um contato maior com outras pessoas que não têm acesso a estas discussões (reeditores), para que estas comecem a perceber, ressignificar no seu cotidiano, se interessar pela discussão, multiplicar e agir sob esta visão desestabilizadora da norma.

3.2 Do on-line ao off-line e vice-versa

Utilizar as redes sociais para fins políticos tem se tornado cada vez mais frequente, ainda mais após o golpe de 2016 vivido no Brasil. Por meados de 2013, logo quando ingressei na faculdade e comecei a publicar longos textos no Facebook, minha mãe e outras pessoas mais velhas de meu convívio, me diziam o quanto isto era perigoso para mim, pois eu não deveria utilizar da plataforma para falar de assuntos tão sérios. A

palavra “textão” e “problematizadora” foram durante algum tempo adjetivos daquelas que, assim como eu, utilizavam e utilizam as redes para reivindicar algo. Toret (2013) diz que:

Somente os agentes de transformação social que anteciparam e se apropriaram da tecnologia e comunicação, suspendendo o controle exclusivo dessas principais fontes do poder foram capazes de acelerar positivamente e liberar a mudança social. É e tem sido assim, desde o tempo do Faraó, a imprensa(...). A disputa pelo controle do fluxo de informações e tecnologia é a chave para o poder em todas as sociedades.(p. 40. Tradução da autora).

E de fato hoje, utilizar o Facebook para compartilhar textos de opinião e defender suas idéias é algo tão natural, que o termo “Ciberativista” já é visto pejorativamente por muitas pessoas, como alguém que só reivindica algo através do Facebook, que não concretiza ações para mudança, que não promove nada além de discussões e que isso portanto não tem grande valia para o sistema como um todo. É necessário entender melhor a conceituação do termo para que possamos então identificar o que negras mulheres estão fazendo no Facebook quando reivindicam algo. Segundo De Ugarte:

Um ciberativista é alguém que usa a Internet e toda a blogosfera, para divulgar um discurso e disponibilizar ferramentas públicas que retornam para as pessoas o poder e a visibilidade que hoje monopolizam instituições. Um cyber-ativista é uma enzima no processo pelo qual a sociedade se organiza em redes hierárquicas descentralizada para ser ordenada em redes distribuídas basicamente igualitárias. (DE UGARTE, 2006. Pág 66)

Podemos considerar então que o ciberativismo é uma tática individual on-line para dar visibilidade a questão coletivas. Castells (2011) ainda faz uma diferenciação importante ao que diz respeito às identidades, o que podemos relacionar à atuação dos movimentos sociais. Estes, constituídos por indivíduos que se reconhecem como portadores de direitos que não se efetivaram, podem envolver identidades classificadas como: legitimadoras, provenientes de instituições dominantes; de resistência, que atuam em oposição às estruturas dominantes; ou de projeto, que buscam redefinir sua posição na sociedade. Este trabalho mostra que negras mulheres vêm atuando taticamente no on-line, para se redefinir no campo social enquanto identidade de resistência e de projeto, e, além disso, podemos notar que há uma atuação muito forte fora do ambiente on-line -uma convocação coletiva partindo do ambiente on-line para o off-line, e vice-versa.

Partindo do histórico do Movimento Negro já apresentados anteriormente podemos dizer que a mobilização social precede as redes e que mesmo nas redes, negras mulheres estão utilizando estratégias para institucionalizar seus discursos e driblar as

dificuldades encontradas até mesmo neste espaço dito mais aberto. Deste modo, é importante notar que algumas destas negras mulheres estão, portanto, fazendo mais que ciberativismo, estão agindo sob a tecnopolítica que é, resumidamente, a ação estratégica coletiva organizada que parte das redes para as ruas, pois segundo Toret é a “capacidade de ação coletiva na rede, a definimos sob o conceito de tecnopolítica, que caracterizamos como: uso tático e estratégico de ferramentas identidades coletivas digitais on-line para organização, comunicação e ação coletiva” (TORET, 2013. P.41).

Falar sobre as identidades coletivas digitais on-line, é falar sobre os grupos de Facebook, sobre as páginas que tem como intuito não só publicizar algo, como dar um caráter mais “institucional” a medida em que outras pessoas podem seguir e fazer parte daquela comunidade on-line. Podemos afirmar então que a tecnopolítica, é como teorizado por Certeau uma estratégia, pois não só ocupa um lugar mais institucionalizado se comparado aos perfis individuais da rede, como também ocupa um certo poder, pois

propõe ações distribuídas e recíprocas entre o on-line e o off-line, podendo começar na rede, mas não terminar nela. São atitudes interessadas na reinvenção das formas de se fazer política nas sociedades digitais e atos baseados num ativismo reflexivo que se aproveita das tecnologias como formas de empoderamento cívico dos indivíduos. (1998, p.3).

Negras mulheres tem atuado on-line e off-line na tentativa de tirar não somente as máscaras que lhes calam, em ações individuais on-line, a medida que tentam romper com o mesmo silêncio imposto a Anastácia, como também atuam em ações coletivas partindo do on-line para o físico no esforço para o estilhaçamento das máscaras que impedem outras pessoas de falar e às vezes até mesmo de enxergar suas próprias realidades. Assim Sueli Carneiro complementa dizendo que

As mulheres negras vêm atuando no sentido de não apenas mudar a lógica de representação dos meios de comunicação de massa, como também da capacitar suas lideranças para o trato com as novas tecnologias de informação, pois a falta de poder dos grupos historicamente marginalizados para controlar e construir sua própria representação possibilita a crescente veiculação de estereótipos e distorções pelas mídias, eletrônicas ou impressas. (CARNEIRO, 2003, p.10).

Mais que um simples texto nas redes, negras mulheres estão organizadas na busca de novos sentidos para a população negra e a sociedade como um todo. Estão propondo um novo sistema de representação (HALL, 2016), a medida em que disputam significados já estabelecidos na sociedade, para uma nova produção de sentido.

3.3 As amarras da nova máscara

Ao longo do trabalho questionei-me constantemente se seria errado afirmar que ainda hoje utilizamos, mesmo que simbolicamente, a mesma máscara de Anastácia. E de fato, hoje já não a vemos fisicamente, mas continuamos lutando pelo direito a voz e principalmente pela legitimação e respeito de nossas falas.

Se por um lado temos a autorização dos “senhores” de falar, por outro encontramos o excludente silenciamento daqueles que tem muito a dizer e isto ocorre tanto no mundo físico quanto no mundo on-line, a medida em que o aparato tecnológico torna-se cada vez mais legitimado e legitimador. O grande monopólio de informações pessoais dadas gratuitamente por nós as redes sociais tem feito emergir o debate sobre até que ponto podemos confiar nos algoritmos (o que é aqui entendido como os passos necessários para a realização de tarefas, aos quais, no ambiente on-line, são programados por profissionais da área de Tecnologia da Informação) da rede, visto o grande vazamento de informações, a fortuna ganhada em cima disto e a constante reprodução de estereótipos nas tecnologias, pois os algoritmos herdam preconceitos presentes nos programadores que os desenvolvem. Exemplificando como as tecnologias tem reforçado preconceitos, temos o caso do Google que identificou pessoas negras como gorilas em 2015, o algoritmo do Facebook que mostrava casas somente a pessoas brancas e os recentes casos de bloqueios que usuárias negras da mesma rede têm sofrido pelos algoritmos da rede entenderem que o conteúdo elaborado pelas mesmas fere os padrões de uso da rede. Para Recuero, as redes sociais são entendidas como

(...) estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais. Nessas ferramentas (internet), essas redes são modificadas, transformadas pela mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas para a comunicação. (RECUERO, 2012, p.16)

As redes estão sendo entendidas cada vez menos como instrumento/ferramenta e cada vez mais como uma nova forma de interpretar o mundo. A comunicação se tornou uma questão de mediações, como diz Martín-Barbero, que, com o intuito de “reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural [...]” (MARTIN-BARBERO, 2008, p.20), propõe o Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura. Neste mapa podemos visualizar como comunicação, cultura e política são expressadas por um eixo sincrônico e outro diacrônico. Neste a relação se dá entre Matrizes Culturais (MC) e

Formatos Industriais (FI). E naquele, entre Lógicas de Produção (LP) e Competências de Recepção ou Consumo (CR). MC está ligado a LP por mediação das institucionalidades, enquanto que se liga à CR por formas de socialidade. Já CR está ligada a FI pela mediação da ritualidade e a tecnicidade liga esta à LP. Como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 1 – Mapa das Mediações



Fonte: Martín-Barbero (2008)

Tendo em vista o objeto analisado neste trabalho, poderíamos analisar e aprofundar os estudos sobre cada ponto do mapa, mas por uma questão de tempo e volume de páginas, deterei o estudo ao aspecto da tecnicidade. Que pode ser entendida como a capacidade de inovação dos formatos industriais e das formas de receber mensagens midiáticas (2008). E, com o desenvolvimento tecnológico, tal mediação se torna estrutural, reconfigurando todas as demais. Conforme palavras do autor:

(...) o lugar da cultura que muda na sociedade quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser instrumental para tornar-se mais espessa, mais densa, e se converter em estrutural. Pois a tecnologia remete hoje não somente, e não tanto, à novidade dos aparatos, mas a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras. [...] a tecnologia deslocaliza os saberes, modificando tanto o estatuto cognitivo como o institucional [...], o que está conduzindo a um forte borramento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artificialidade, arte e ciência. (MARTÍN-BARBERO, 2010)

Se, por um lado, as redes têm permitido e modificado as estruturas institucionais e sociais, dando visibilidade a pessoas que antes nem mesmo tinham espaço para falarem, por outro, vemos os algoritmos do Facebook entendendo como discriminação casos com muitas denúncias, sem uma análise específica que pense na lógica discriminadora vigente do país - e nos casos violação dos direitos humanos, principalmente, em um país com tantas desigualdades como o Brasil. Isso torna a rede somente mais uma potente ferramenta dúbia que permite falar, desde que não tentem contestar e desestabilizar a hegemonia - branca e masculina - que criou aquele próprio algoritmo. Desse modo,

percebemos que a mediação estrutural da tecnicidade é um conceito que permite relativizar as consequências das redes on-line a partir de suas apropriações pelos diferentes públicos, mas, também, a partir da programação que está “por trás” da parte visível e utilizável pela população em geral.

4. IDENTIFICANDO MÁSCARAS

Este capítulo abordará os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa no item 4.1. No item 4.2 serão apresentados os resultados obtidos no questionário on-line, nas entrevistas e na análise documental juntamente com a análise dos dados obtidos.

4.1 Procedimentos metodológicos

O procedimento metodológico aqui utilizado contempla, prioritariamente, uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2013), mas com a utilização de quantificações provenientes de coleta de dados por meio de questionário on-line. A pesquisa bibliográfica permeia toda a análise de dados, a qual contou com categorizações das informações coletadas por meio de questionário on-line - com questões abertas e fechadas, que foram divulgadas no Facebook - e entrevistas semi-estruturada. Esta coleta de dados também contou com o recebimento de alguns materiais de redes sociais das informantes, o que aqui consideramos como pesquisa documental, a qual servirá de ilustração para a análise dos dados obtidos.

Segundo Manzo (1971), a bibliografia pertinente é a que propicia um novo olhar sob uma abordagem, pois esta oferece meios para definir e resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas. Assim, a pesquisa bibliográfica pode ser, se bem articulada, a possibilidade de um novo enfoque para conclusões inovadoras. E é partindo deste princípio que ao longo do trabalho houve todo um esforço em trazer intelectuais que infelizmente são pouco utilizados nos currículos acadêmicos, não só com o objetivo de trazer uma nova visão, mas também a fim de possibilitar a visibilidade daqueles que estão desenvolvendo teorias e trabalhos que poderiam oferecer subsídios para estudos das mais diversas áreas, mas que, por uma

lógica colonizadora, não tem o devido reconhecimento. Possibilitar que outras pessoas adentrem espaços que antes eram impedidos é também possibilitar que outras vozes possam falar suas verdades e agregar conhecimentos que até então passavam despercebidos, fazendo com que assim a área se renove e agregue não só mais pessoas, mas pessoas que têm pensamento e teorias críticas e que estão dispostas e engajadas com a mudança.

Para que obtivesse os dados e partindo do conhecimento empírico sobre o assunto, foi elaborado um questionário on-line, com trinta questões, sendo dezessete fechadas, uma de múltipla escolha e doze abertas, possibilitando que as respondentes pudessem contar um pouco mais sobre suas vivências a respeito do tema. O questionário, que segundo Parasuraman (1991), é “tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto”, foi divulgado no Facebook e teve por intuito atingir negras mulheres que se considerassem ciberativistas, que já tivessem tido seus perfis na rede social bloqueadas e/ou que conhecessem e seguissem o perfil de negras mulheres que publicam seus posicionamentos e ideias no Facebook.

As questões foram pensadas e executadas de três formatos diferentes pensando nas vantagens de cada um em específico sendo entre outras: perguntas fechadas (dicotômicas): que apresentam apenas duas opções de resposta, de caráter bipolar; de múltipla escolha: onde os respondentes puderam optar por determinado número de opções e abertas: onde os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas (MATTAR, 1994).

Pensando em aprofundar mais ainda com os dados obtidos na pesquisa on-line e com o objetivo de averiguar os fatos e os motivos conscientes das destas negras mulheres nas redes, foram realizadas três entrevistas, semi-estruturadas, tendo como base as perguntas do questionário on-line, Pois sendo

a entrevista um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. (...) utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.”, conduta (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195).

O método foi de grande importância para a melhor compreensão tanto dos dados obtidos no questionário on-line, como para que obtivéssemos respostas mais aprofundadas sobre as identidades das estas negras mulheres.

Por último era permitido no questionário on-line e na entrevista que as respondentes pudessem compartilhar o registro de postagens, comentários ou conversas que tivessem sido ofendidas. O mesmo foi incentivado às entrevistadas. Ao todo treze imagens foram recebidas, sendo seis com respostas do Facebook aos bloqueios/denúncias e sete imagens com a repercussão da postagem destas negras mulheres. Estas imagens são, portanto, documentos importantes para compreender as interações circulantes no contexto da pesquisa. São documentos de fonte primária (documentos particulares), que neste caso, são os prints dos comentários recebidos nas postagens destas mulheres que juntamente com o relato da entrevista “são importantes sobretudo por seu conteúdo não oferecer apenas fatos, mas o significado que estes tiveram para aqueles que os viveram, descritos em sua própria linguagem.” (Marconi; Lakatos, 2003). Cabe ressaltar que estes dados compartilhados não tiveram o intuito nesta pesquisa de servirem como base para uma análise discursiva e sim, para exemplificar como foram tratadas as questões trazidas a tona.

4.2 Analise dos Dados

A seguir os dados coletados serão descritos e analisados, de acordo com os objetivos traçados nesta pesquisa. Para isso, será apresentado, o perfil das informantes, os dados que se relacionam ao alcance dos objetivos específicos, e a análise geral, a partir da resposta à questão de pesquisa. Ao final, podemos perceber como acontece o protagonismo destas negras mulheres, a partir de seu ativismo na sociedade.

4.2.1 Perfil traçado

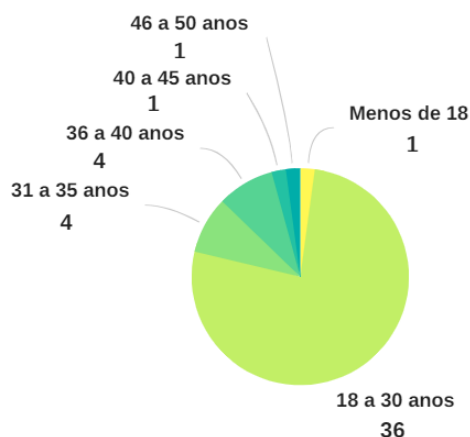
Com o propósito de tentar localizar estas negras mulheres que estão atuando nas redes sociais, o questionário on-line foi divulgado no Facebook, em meu perfil pessoal na rede social e em grupos, onde obteve-se ao todo 53 respondentes, sendo quatro respostas retiradas da análise por se tratarem de mulheres brancas e duas respostas retiradas por se tratarem de teste, totalizando ao final 47 respondentes analisadas.

Na primeira parte do questionário foram feitas perguntas para obter dados pessoais como idade, raça/cor, escolaridade, local de residência e quantia de filhos. Importante salientar, que em virtude de acreditar em uma identidade que é construída

interseccionalmente - a partir das várias vivências do indivíduo-, todos estes questionamentos têm por objetivo não só identificar, mas entender o porquê e a partir de que lugar social estas mulheres estão falando.

O perfil traçado por esta pesquisa, conseguiu delinear que as negras mulheres atuando nas redes sociais, correspondem em sua maioria a faixa etária de 18 a 30 anos de idade, não possuem filhos, são em maior parte acadêmicas e moradoras de regiões periféricas de suas cidades. Por delimito de tempo e recurso a pesquisa acabou alcançando em grande maioria negras da cidade de Porto Alegre, porém mesmo assim conseguimos notar o quanto raça, gênero e classe estão intrínsecos para elas como parte de suas identidades individuais.

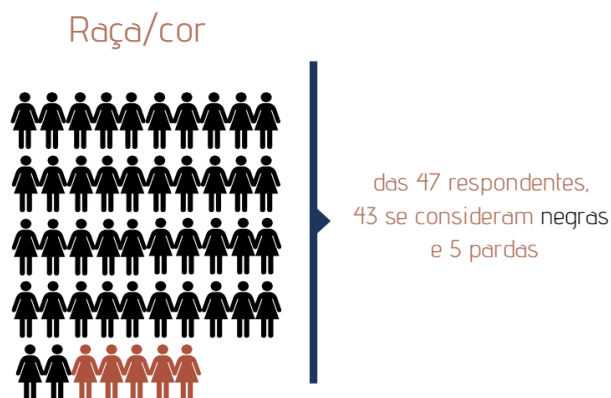
Gráfico 2 – Faixa etária das respondentes



Fonte: a autora.

Dentre as 47 respondentes, 36 delas correspondiam a faixa etária de 18 a 30 anos e quando questionadas sobre sua cor/raça segundo a classificação do IBGE, 42 mulheres se consideram negras e 5 pardas.

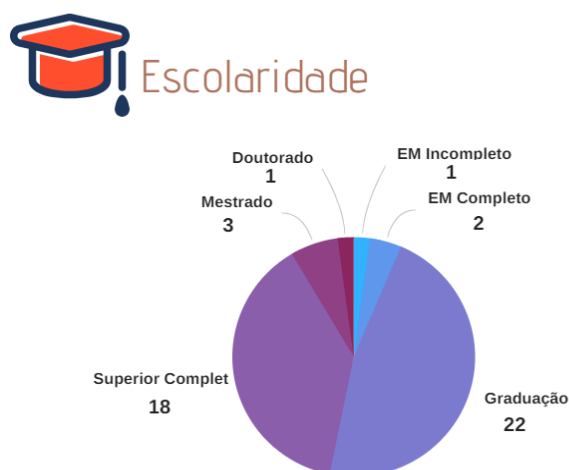
Gráfico 3 – Raça/cor das respondentes



Fonte: a autora.

Sobre a escolaridade, 1 respondente declarou ter o Ensino Médio Incompleto e 2 declaram já ter concluído o Ensino Médio; 22 respondentes declararam ter o Ensino Superior Incompleto; 18 já estão formadas e, portanto, tem o Ensino Superior Completo; e outras continuam na academia em Mestrado e Doutorado, com 3 e 1 respondente respectivamente, como mostra o gráfico:

Gráfico 4 – Escolaridade das respondentes



Fonte: a autora.

Das 47 respondentes, 36 eram do Rio Grande do Sul, sendo que 1 das respondentes só informou pertencer a este estado, as outras eram das mais variadas localidades do estado: Porto Alegre (22), São Leopoldo (2), Rio Grande (1), Vacaria (1), São José do Norte (1), Santana do Livramento (1), Novo Hamburgo (1), Guaíba (1) Eldorado do Sul (1), Canoas (1), Viamão (3) e Gravataí (1). Também conseguimos alcançar outros estados como: Santa Catarina (2), São Paulo (2), Rio de Janeiro (1), Minas Gerais (2), Salvador (1), Belém (1) e Sergipe (1).

Quando questionadas sobre filhos, somente 2 disseram possuir 1 filho(a) cada, ambas do Rio Grande do Sul, com Ensino Superior Incompleto, sendo uma entre 18 a 30 anos e a outra possuindo entre 31 a 35 anos de idade.

Tendo em vista o afinilamento das informações obtidas no questionário on-line, começando com 47 respondentes e passando para 21 negras mulheres que se consideram ciberativistas, foi organizado três entrevistas, tendo como base as perguntas do questionário on-line, mas com a possibilidade de fazermos outras perguntas e conhecer um pouco mais estas mulheres. As entrevistas foram realizadas na primeira semana de maio e duraram cerca de vinte minutos com cada entrevistada. Mesmo sabendo que é preciso nos nomear para que o racismo não nos nomeie, será ocultado o nome das entrevistadas neste trabalho visando a segurança das mesmas, tendo em vista as informações que algumas delas nos forneceram. Portanto irei enumerar as entrevistadas sendo: a Entrevistada 1, negra, 22, moradora do Bairro Azenha de Porto Alegre e estudante de Pedagogia UFRGS; Entrevistada 2, negra, 27 anos, atualmente moradora do Centro Histórico de Porto Alegre e criada no bairro Bom Jesus em Porto Alegre, Psicóloga formada pela UFRGS; e a Entrevistada 3, negra, 31 anos, Historiadora, graduanda em Jornalismo na UFRGS, moradora do Bairro Centro em Eldorado do Sul (região Metropolitana).

4.2.2 Histórico de ativismo on-line e off-line

Tendo em vista que o **primeiro objetivo específico** a ser alcançado por esta pesquisa é compreender o histórico de ativismo on-line e off-line destas mulheres; foram pensadas as questões “Você conversava sobre estes assuntos no seu grupo de convívio (família/amigos) antes de começar a postar no Facebook?” e “Você organiza alguma atividade/ação/evento com o intuito de propagar suas idéias e conhecimentos?” e com estas perguntas conseguimos compreender como teorizado por Toro e Werneck se estas mulheres se sentiam convocadas e se partilhavam do mesmo anseio na busca de um

propósito comum e compartilhado, base para a mobilização social de qualquer grupo. Conseguimos compreender que o sentimento de coletividade e também uma própria busca por se entender melhor quanto indivíduo em uma sociedade racista, as fazem buscar movimentos sociais que não só as acolham, como também ajudem a partilhar as dores e alegrias da luta antirracista. Os grupos/coletivos/movimentos sociais aos quais estas negras mulheres fazem parte são muitas vezes a oportunidade de encontrar afago depois de dias lutando arduamente sozinha, pois a luta é contínua em casa, no trabalho, na faculdade, com amigos. Estes grupos visam não só uma luta em comum a todas, como também a possibilidade de fortalecimento, segurança e multiplicação de novas vozes. Essa mobilização já vem do histórico de cada negra mulher como conta a entrevistada 2, sobre seu contato com discussões sobre raça:

“Meu pai desde que eu era pequena levava a Revista Raça pra casa, sempre teve uma discussão racial bem tranquila assim, não tinha esses debates. Eu também sempre estudei em um colégio negro assim, tipo a maioria dos estudantes eram negros, mas a gente via aquele pequeno racismo do dia assim entre as crianças sabe, tipo não gosto do teu cabelo, não gosto da tua pele, mas de crianças negras entre si assim. Mas sim já conversava e eu tive amigas também muito militante, quando eu entrei na UFRGS também eu tipo, encontrei uma negrada assim que entrei barra 12... E daí ta, eu entrei 12 e daí já fui ocupar a reitoria, entrar em coletivos, eu era muito muito pilhada, então eu discutia muito assim”

O ativismo destas mulheres encontra-se presente desde muito cedo em suas vidas, seja pelas situações de racismo vividas desde a infância, ou discussões partindo de casa, o viver e ser negra mulher já lhes dá um outro olhar crítico sobre a vida. Este ativismo fora do mundo digital precede este ativismo nas redes e por serem a antítese de raça e gênero (KILOMBA,2010,p. 124) isso lhes dá um embasamento empírico das realidades tratadas nas redes com tanta empatia em suas falas, pois falam de tantas outras mulheres, partindo de si, partindo da realidade vivida individualmente ou em coletivo, como mostra a fala da entrevistada 1:

-“Eu participo de grupos assim, por exemplo na FACED a gente tem o Coletivo de Negros da FACED, então a gente se reúne se a gente tiver que construir uma ação de arrecadar... Grupo assim, de coletivos, de estudantes. ãhn, participo do Grupo Atinuké, sobre o Pensamento de Mulheres Negras e também a gente é um grupo que se organiza pra pensar atividades assim. E na minha comunidade também né, tem um grupo

de moradores lá, que a gente se organiza pra buscar melhorias pra nossa comunidade.”

Estas negras mulheres não só compartilham o mesmo sentimento, como se veem capazes de construir mudanças e, fortalecidas com as ações off-line partem para o on-line para provocar e propagar uma visão de um projeto futuro (TORO; WERNECK, p. 5).

Inicia-se então a busca por informações referentes a vida destas negras mulheres no on-line. Quando questionadas se já haviam denunciado algum conteúdo no Facebook 44 das respondentes do questionário on-line, responderam que já haviam denunciado, contrapondo as 3 que disseram não ter denunciado até aquele momento nenhum conteúdo no Facebook. Partindo deste questionamento as 44 mulheres que já haviam denunciado algum conteúdo, perguntava-se do que se tratavam as publicações, 15 respostas continham os termos “racismo” e “racista”. Outros termos como “homofobia” (3) e “machismo” (12), como mostra a respostas das respondentes a seguir:

- *“Foram algumas. Racismo (sobre cotas), machismo (várias), exposição de crianças, fake news (MUITAS), conteúdo violento” - Respondente 11*

- *“Racismo, homens brancos debochando de mulheres negras” - Respondente 21*

- *“Foram tantas! Uma delas o perfil de uma mulher que no facebook fazia blackface e tinha diversos posts racistas” - Respondente 25*

- *“Já denunciei vários, sempre eram postagens machistas, racistas e homofobicas” - Respondente 29*

- *“A publicação era de um homem agredindo uma mulher, insinuando que aquele era o “castigo que a mulher deveria receber”. Na postagem haviam vários comentários apoiando a agressão.” - Respondente 35*

Na entrevista, perguntada sobre denúncias no Facebook, especificamente se já haviam denunciado algum conteúdo, obtive a seguinte resposta:

Entrevistada 1: *“Já, eu denunciei conteúdos racistas assim, que fazem memes com pessoas negras. O último caso que eu me lembro que eu denunciei bastante assim, foi o caso de uma mulher negra que ela tinha o cabelo crespo bem grande e foi em um programa falar da dificuldade em conseguir emprego por isso e começaram a fazer vários memes com ela por conta disso. Eu denunciei muito esse. (...) Não, não tive [retorno]. Eles só diziam que iam avaliar o caso, mas as publicações continuaram, tão lá até hoje eu acho”*

Podemos perceber que a atuação destas negras mulheres na rede social acontece no intuito de descentralização do sujeito masculinista (hétero) e branco e essa tendência opera no sentido de reivindicar a estas identidades antes fixas e tidas como exemplo, a se ressignificarem e se atualizarem na constante celebração das identidades móveis (HALL, 2006). Pois estas são negras e mais que isso, são mulheres, pobres, periféricas, homossexuais, gordas e tantos outros fatores que as confere uma multiplicidade de identidades e permite que reivindiquem o respeito as diversas identidades que estão ali partilhando daquele mesmo mundo digital. As negras mulheres que estão neste espaço trazem consigo portanto, a fala da diversidade em seu mais amplo sentido, o que provoca o questionamento e desestabiliza até mesmo a própria plataforma (Facebook), como poderá ser visto mais adiante na pesquisa.

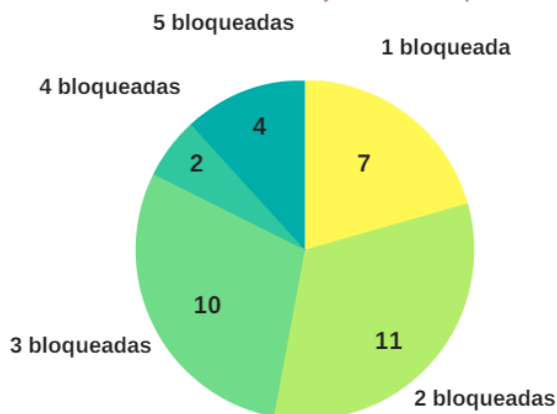
Quando questionadas se obtiveram algum retorno após a denúncia do conteúdo, 37 afirmaram ter recebido uma mensagem dizendo que o conteúdo seria analisado, 5 não obtiveram nenhum retorno, 1 não acompanhou após a denúncia e somente 1 teve o conteúdo denunciado excluído.

Das 47 mulheres que responderam o questionário, 39 delas afirmaram conhecer alguma mulher negra que já tenha sido bloqueada de acessar seus perfis pessoais no Facebook. Quando questionadas quantas mulheres negras bloqueadas elas conheciam, as respondentes podiam responder com suas próprias palavras, sendo calculado no gráfico a seguir então, somente as que colocaram números específicos em sua resposta. As que escreveram comentários a mais, seguem para análise:

- *“Mais de dez” - Respondente 23*
- *“No facebook por volta de cinco. mas em outras redes o número aumenta e é muito mais silencioso.” - Respondente 24*
- *“Uma, pois era conhecida próxima. Não vejo postagens sobre as mulheres contestando o bloqueio ou avisando que foram bloqueadas posteriormente (talvez por conta dos algoritmos), isso dificulta a contagem.” - Respondente 35*
- *“tem sido bem frequente ao menos 2 mulheres negras relatam a ausência por conta do bloqueio “ - Respondente 37*
- *“perdi a conta” - Respondente 38*

Gráfico 5- Negras bloqueadas

Quantas mulheres negras bloqueadas?



Fonte: a autora.

Das 39 mulheres, sete respondentes afirmaram conhecer ao menos uma mulher negra bloqueada pelo Facebook, 11 afirmaram conhecer no mínimo duas; dez afirmaram conhecer no mínimo três; duas afirmaram conhecer no mínimo quatro; e quatro afirmaram conhecer no mínimo cinco negras mulheres que tenham tido seus perfis pessoais bloqueados na rede social.

Quando questionadas o motivo pelo qual seguem estas mulheres que já foram bloqueadas pelo Facebook, tivemos como resposta dentre as 44 mulheres as seguintes frases:

- *“Por trazerem perspectivas de um lugar próximo a mim (mulher negra)”* - Respondente 6

- *“Porque elas produzem conteúdos relevante sobre as situações de racismo enfrentadas por mulheres negras”* - Respondente 15 (Grifo meu)

- *“Nós negras e negros devemos nos resignificar enquanto povo.”* - Respondente 20

- *“Tenho concordância com suas análises de conjuntura política, acho importante divulgar suas ideias e projetos”* - Respondente 21

- *“Sigo porque preciso de representatividade e de troca de conhecimento “* - Respondente 29

- *“São mulheres que de alguma maneira eu me sentia representada. Mulheres guerreiras que fazem a mudança em seus meios. “* - Respondente 34

Nota-se que, tanto nas respostas obtidas no questionário, quanto na entrevista (a seguir) a questão da representatividade e do lugar de fala destas mulheres é um fator muito importante na atuação delas no âmbito on-line, de forma que suas falas tem potência e

servem de referência entre as mesmas. Como dito por Toro e Werneck sobre os papéis desempenhados na mobilização social, a função de explicar e explicitar os projetos de mundo são papéis desempenhados por estas negras mulheres na rede social, como mostra a fala das entrevistadas:

Entrevistada 1: *“Eu acho que elas são muito importantes assim, porque disseminam várias ideias assim, mais voltado, digamos assim que mais intelectual mas de uma forma bem didática pra gente conseguir entender vários assuntos importantes, vários problemas que aí ela consegue colocar em um texto de forma especial mais didática e de forma que a gente pode ler em qualquer lugar e refletir sobre isso. Eu acho que isso é muito interessante, de tu disseminar um tema super importante, muito pesado né, falar da questão racial, de racismo, de forma assim, fácil de ler e que te traz a reflexão. Eu acho que isso é um dos pontos bem interessantes. Eu procuro seguir pessoas que sempre tragam suas ideias de forma tranquila, que não preciso eu pegar um livro pra ler.”*

Entrevistada 2: *“Eu sempre tipo, gostei de ter um Facebook bem diverso em debate assim, eu tenho Mulheristas no meu Facebook, eu tenho Feministas no meu Facebook, eu tenho pessoas Afrocentradas no meu Facebook, eu tenho pessoas de várias vias, porque eu quero saber o que as pessoas pretas estão pensando assim. Me interessa muito saber o que a gente tá produzindo, o que a gente tá fazendo diariamente. E também é bom ter um Facebook bem preto porque assim tu não vê coisas tão tensas, é meio que um bloqueio também.”*

Notamos haver duas categorias na atuação destas negras mulheres no Facebook: 1) as que agem majoritariamente no sentido de denunciar ao Facebook atitudes racistas dos usuários e 2) as que utilizam o Facebook como plataforma para denunciar questões sociais por meio de postagens. As pertencentes a primeira categoria, normalmente não são bloqueadas pelo Facebook e podemos entender como de resistência como teorizado por Castells (2011), pois atuam em oposição as estruturas dominantes, como apontado anteriormente agem na tentativa de descentralização do sujeito masculinista e branco e acompanham as mulheres da categoria dois. As pertencentes a esta segunda categoria - que tem seus perfis bloqueados com frequência por fazerem postagens denunciando questões sociais em seu Facebook-, mais que descentralizar a identidade fixa do sujeito, também estão na disputa de discurso, estão reivindicando o direito a voz (RIBEIRO,

2017). E a atuação delas pode ser entendida como de identidade de projeto (CASTELLS, 2011), que buscam redefinir sua posição na sociedade.

Das 47 negras mulheres que responderam a pesquisa on-line 5 delas declaram já terem seus perfis bloqueados, foi questionado então quantas vezes e do que se tratavam as publicações bloqueadas.

- *"Arte onde se via mamilo feminino"* - Respondente 6, bloqueada 2 vezes pelo Facebook

- *"Racismo"* - Respondente 9, bloqueada 1 vez pelo Facebook

- *"Eu já fui denunciada por falsidade ideológica, porque usava um nome social "Professora xxxx xxx", fiquei bloqueada até enviar foto da minha identidade e desde então não posso mais trocar meu nome. Sou obrigada a usar meu nome completo xxxxxxxxxxxx."* - Respondente 20, bloqueada 1 vez pelo Facebook

- *"Fui bloqueado por racismo (reverso). Geralmente post denunciando a branquitude."* - Respondente 23, bloqueada 3 vezes pelo Facebook

- *"Estava denunciando situações e responsabilizando brancos pelo seu papel na manutenção do racismo, essas publicações foram acusadas de "racismo reverso" hehe."* - Respondente 28, bloqueada 4 vezes ou mais pelo Facebook

Das 5 negras mulheres bloqueadas, 4 delas, além do banimento tiveram seus conteúdos removidos do Facebook. Todas afirmaram já conversar sobre estes assuntos antes de postarem no Facebook e duas delas afirmaram terem sentido repercussões fora do âmbito digital com o ocorrido em sua vida on-line.

As três entrevistadas também já haviam sido bloqueadas pelo Facebook e, as Entrevistadas 2 e 3 tiveram seu conteúdo excluído por terem ambas uma Página no Facebook que falava especificamente sobre empoderamento de mulheres negras, feminismo negro, temáticas voltadas a população negra e foram bloqueadas tantas vezes, que, conforme dito pela Entrevistada 3 *"A página caiu justamente por denúncia de pessoas brancas que alegaram que a página fazia "racismo reverso", daí a página caiu. Acho que a página tinham mais de cem mil seguidores e tipo a página caiu por causa da questão de denúncias e na época que começaram a denunciar página, o meu perfil também caiu umas três vezes, cheguei a ficar tipo um mês sem poder usar o Facebook."*

O relato da Entrevistada 1 também vai ao encontro com a fala das outras duas entrevistadas, porém o post da mesma que provocou bloqueio e exclusão tratava-se de uma campanha especificamente para crianças negras e mostra quão incômodo é para sociedade em si, quando descentra-se o sujeito branco de qualquer ação:

Entrevistada 1: *“Sim, eu tive meu perfil bloqueado quando eu fiz uma campanha pra levar as crianças ao cinema pra assistir o filme Pantera Negra e era pra crianças negras que a campanha era voltada. Então foi muita acusada de racismo. Atacaram muito meu perfil com comentários na postagem e aí um dia depois o Facebook me mandou um aviso dizendo que eu estava ferindo as regras, os padrões da comunidade e tal, que se eu não parasse eu seria bloqueada. Aí enfim né, eu continuei, segue o baile e aí no outro dia eu tive o meu perfil bloqueado, fiquei um dia, por 24 horas eu não podia fazer nenhuma postagem, nenhum compartilhamento nada, eu via as pessoas mandando mensagem, querendo doar e eu não conseguia responder. Enfim, daí eles me bloquearam e eu continuei e aí eles excluíram o post da campanha, isso repercutiu muito né, as pessoas, acho que inclusive a Winnie publicou, entrou em contato com o Face, com os contatos que ela tem e eles me ligaram pedindo desculpa, que foi um erro eles ter deletado e ao mesmo tempo que ela disse que foi um erro, ela disse que eles tinham excluído porque eu tinha colocado o número da minha conta e aí era pra me proteger. Enfim, foi essa desculpa que eles deram, que **a gente sabe que não é por isso**. Enfim, mas aí eu recebi, deixa eu ver aqui... Eu tirei uns print, enfim aí eles me mandaram né, as normas da comunidade: “Entendemos que talvez você não estivesse ciente destes padrões portanto recomendamos que procure saber...”. Aí eles pediram pra eu confirmar a minha identidade, fui muito denunciada, as pessoas comentavam meu post e denunciavam. E aí eles me mandaram “o bloqueio temporário durará 24 horas, você não poderá utilizar o Facebook neste período e se você publicar algo que viole nossos padrões, você será bloqueado por três dias”... **Que padrões é esse?** Eu denunciei, como eu falei né, eu denuncio várias atitudes racistas mesmo, memes e eles não excluem né. Então, quando eu fui fazer uma campanha pra arrecadar dinheiro, pra levar crianças, eu fui na hora, foi muito rápido assim, eles conseguiram apagar na hora. Enfim, teve um que eles [usuários] colocaram aqui ó [mostrando os comentários que tinham feito na publicação] “gente isso é racismo, não estão vendo?”, “e as outras crianças brancas, pardas, como ficam?”, “olha essa campanha dessa racista maluca”... Aí enfim, foi mais esses comentários assim e mensagens no privado: “como é que é levar o prêmio de verdadeira racista, sua ridícula?”. E eu acredito que foi essas pessoas que começaram a denunciar o meu perfil até ele ser bloqueado.”*

A fala da Entrevistada 1, ilustra muito bem o medo branco trazido por Grada Kilomba, pois a forma rápida como a entrevistada foi atacada com comentários a

acusando de racismo, nos mostra não só uma falta de entendimento sobre a conceituação do termo, como também uma aversão ao ser negro (mesmo que mulher, mesmo que criança) . Pois a centralidade de pessoas negras se pensando traz ao branco o medo do que pode vir e o desejo por tornar a branquidade invisível novamente (FERES, 2015). É interessante perceber também como as negras mulheres, sendo o outro do outro (COLLINS, 2016) são percebidas e tratadas pela sociedade no on-line.

Poderíamos entrar na questão do discurso de ódio presentes nas redes e de como as minorias (no caso de negros, minorizados) estão atualmente sendo tratados assim por conta do aumento deste discurso carregado de preconceitos. Porém há de se ter em mente que este ódio pregado a este grupo específico parte do mundo off-line para o on-line e não ao contrário como em outros casos. Aqui difere-se pois, o sujeito não está protegido somente nas redes por um falso perfil, está protegido institucionalmente por um sistema racista e excludente, que permite a propagação de práticas racistas on-line e off-line.

Após perceber estas diferentes atuações dentre as 47 negras mulheres que responderam o questionário on-line, percebeu-se a necessidade de saber um pouco mais da vida destas mulheres que são denunciadas e bloqueadas pelo Facebook, a fim de saber se estas consideravam-se ciberativistas, ao passo em que demandam questões sociais nas redes e lutam pela causa. Das respondentes, 21 delas se consideravam ciberativistas. Este número bem mais baixo do que a quantidade total de respostas, pôde ser entendido melhor com as entrevistadas, pois duas delas mostraram-se bastante hesitantes e desconfortáveis em afirmar-se como, demonstrando haver uma falta de conhecimento do significado do termo. Após explicar basicamente o que seria ciberativismo, obtive as seguintes respostas:

Entrevistada 1: *“É... acho que sim, acho que sim. Até porque se for olhar meu perfil, então enfim né, sim, se isso se enquadra.”*

Entrevistada 2: *“Eu acho que sim então [se considera ciberativista], porque até hoje uma menina lá de São Paulo que eu nem conheço pessoalmente, mas ela me segue a um tempo, ela veio falar comigo porque tava lendo meus textos e tava se encontrando mais como mulher negra, se aceitando mais. E eu achei muito massa, porque eu não pensava que as coisas ainda chegassem nesse nível, mas é legal, eu acho que eu sou...”*

Entrevistada 3: *“Sim, me considero ciberativista, porque no momento que a gente tá divulgando ideias e tal né...”*

Contrapondo os dados da pergunta “Você se considera ciberativista?” e “Você organiza alguma atividade/ação/evento com o intuito de propagar suas idéias e conhecimentos?”, podemos perceber como ciberativismo e tecnopolítica são aplicados na prática. Pois dentre as 21 mulheres que se consideram ciberativistas, 14 delas atuam não só no compartilhamento no on-line, como também, partem para o off-line e organizam ações coletivas que começam na rede on-line mas não se findam na mesma (TORET, 2013).

4.2.3 – Percepções das redes on-line

Podemos perceber neste primeiro objetivo específico como é a atuação destas negras mulheres, tanto no âmbito físico quanto no on-line e também como a rede social tem atuado frente as publicações destas mulheres. Pensando os limites das redes sociais, temos como **segundo objetivo específico** averiguar as percepções destas sobre os espaços de redes sociais on-line; foi feito os seguintes questionamentos: “Quais motivos a levaram a compartilhar estas ideias no Facebook?” e “Como você lida com as configurações de privacidade do Facebook? Tem conhecimento sobre isto?”. E com isso pudemos notar que mesmo já tendo um histórico de ativismo, a medida que estas mulheres começaram a ter acesso a internet e mais informação, os discursos foram ficando potentes nas redes, criando na rede social on-line uma possibilidade de existência ativista mesmo no âmbito digital. Estas veem na rede social a possibilidade de compartilhar os ensinamentos que estão sendo adquiridos dentro de espaços que muitas pessoas negras ainda não têm acesso, como mostra a respondente 23:

- *“O aumento do acesso à internet possibilitou a formação de uma nova maneira de mobilizar pessoas em torno de uma causa. A internet tornou-se uma importante ferramenta para o movimento negro e para o ativismo social de forma geral.”* - Respondente 23

- *“A crescente propagação de desinformação e ódio nas redes.”* - Respondente 1
 - *“Informar o maior número de pessoas possível sobre as problemáticas que integram a nossa sociedade, expor políticas de extermínio”* - Respondente 8
 - *“Visando conscientização e alcance de maior número de pessoas.”* - Respondente 21

No entanto, mesmo utilizando as redes sociais como forma de ampliar o acesso a informação estas negras mulheres sabem bem os limites que o Facebook e seus usuários

delimitam a elas, como mostra a fala da Entrevistada 2 e das respondentes do questionário:

Entrevistada 2: *“O Facebook ele trabalha com quantidade ele não trabalha com o que que é preconceito e o que não é. Se tu ver alguma coisa que é racista, o Facebook não vai reconhecer o racismo naquela postagem, ele vai reconhecer quantas pessoas foram lá e reclamaram daquela postagem.”*

- *“Um belo texto, mas funciona pra poucas pessoas. Quando se denuncia não tem a mesma agilidade de resposta que em alguns casos.”* - Respondente 1

- *“Passei a ter conhecimento depois de ser atacada pela primeira vez em comentário no meu face.”* - Respondente 9

- *“Não tenho grandes conhecimentos sobre isso embora saiba da necessidade”*
- Respondente 22

Podemos ter um parâmetro de como o Facebook se posiciona diante das denúncias, através das figuras (1 a 4) dos prints compartilhados pela Entrevistada 1, que recebeu mensagens automáticas do Facebook após as denúncias dos usuários da rede e bloqueio da campanha para levar crianças negras ao cinema.

Figura 2 – Confirmação de Identidade



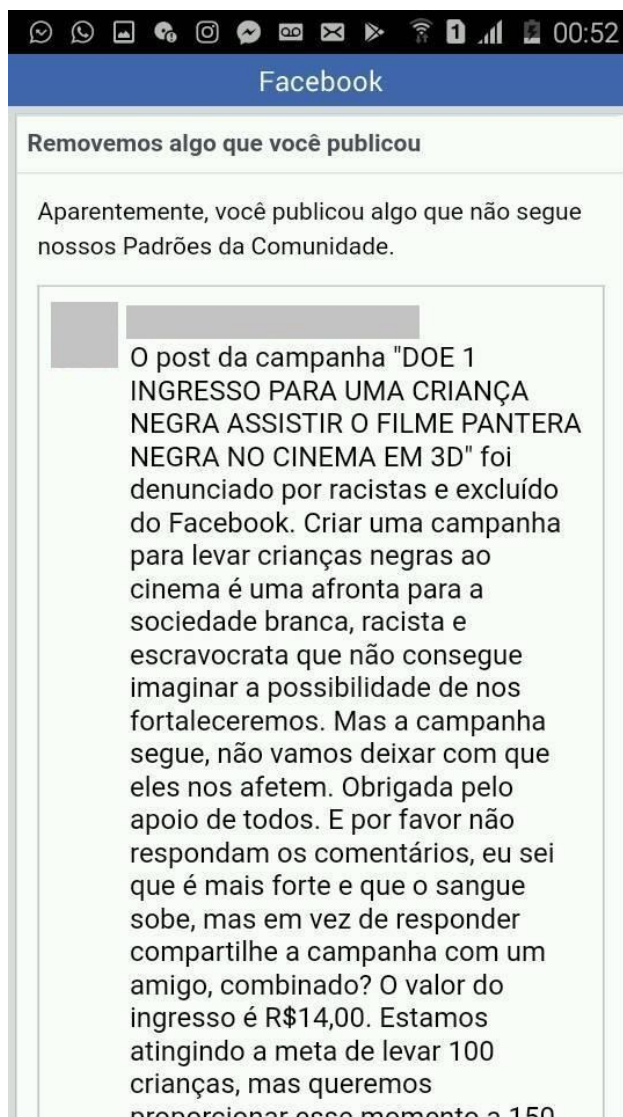
Fonte: entrevistada 1.

Figura 3- Bloqueio temporário



Fonte: entrevistada 1.

Figura 4- Remoção de publicação



Fonte: entrevistada 1

Figura 5- Normas da Comunidade



Fonte: entrevistada 1.

Os Padrões da Comunidade podem ser conferidos no apêndice desta pesquisa, mas não há nenhum tópico que preveja punição para casos específicos de racismo na rede social, apesar da rede fazer menção a isto no item “Conteúdos Questionáveis”, subitem “Discurso de Ódio”, o Facebook declara:

“Não permitimos discurso de ódio no Facebook por criar um **ambiente de intimidação e de exclusão** que, em alguns casos, pode promover violência no mundo real. **Definimos discurso de ódio como um ataque direto a pessoas** com base no que chamamos de características protegidas: **raça, etnia**, nacionalidade, filiação religiosa, orientação sexual, sexo, gênero, identidade de gênero e doença ou deficiência grave. Também oferecemos proteções para o status migratório. Definimos ataques como discursos violentos ou

degradantes, declarações de inferioridade ou incentivo à exclusão ou segregação. Classificamos os ataques em três níveis de gravidade, descritos abaixo:

Às vezes, as pessoas compartilham **conteúdo com discurso de ódio** alheio com o objetivo de **conscientizar e educar**. De maneira semelhante, em alguns casos, palavras ou termos que poderiam violar nossos padrões são usados de maneira autorreferente ou para fortalecer uma causa. Quando este for o caso, permitiremos o conteúdo, mas esperamos que as pessoas indiquem claramente as suas intenções, o que nos ajudará a compreender melhor por que compartilharam o referido conteúdo. Se a intenção não for clara, poderemos remover o conteúdo.

Permitimos comentários sociais e **humorísticos** relacionados a esses tópicos. Além disso, acreditamos que, quando as pessoas usam a identidade real, são mais responsáveis no compartilhamento desse tipo de comentário.”

(Facebook. Padrões da Comunidade: Conteúdos Questionáveis. Grifo meu).

Casos como bullying, exploração sexual, assédio, suicídio e até direitos autorais, tem tópicos específicos no que se refere a segurança do usuário. O Facebook ainda declara no tópico sobre “Violência Plausível” que:

“Nosso objetivo é evitar potenciais danos no mundo real que possam estar relacionados a conteúdo do Facebook. Entendemos que as pessoas comumente expressam desdém ou desacordo por meio de ameaças ou incitação à violência de maneira cômica e não real. Por isso, procuramos levar em conta a linguagem, a situação e os detalhes para poder distinguir declarações casuais de conteúdo que constitua uma ameaça real à segurança pública ou pessoal. Quando tentamos determinar se uma ameaça é real, podemos levar em conta também informações adicionais, como a vulnerabilidade e a visibilidade pública de determinada pessoa. **Removeremos conteúdo, desativaremos contas e poderemos trabalhar com as autoridades locais se notarmos um risco real de danos físicos ou ameaça direta à segurança pública.**”

(Facebook. Padrões da Comunidade: Conteúdos Questionáveis – Violência Plausível. Grifo meu)

Martín-Barbero (2008) diz que a tecnicidade tem deslocalizado saberes e modificado até mesmo estatutos institucionais e é inegável que o Facebook, assim como dito pelo autor, passou a não ser mais somente um instrumento de comunicação, mas a possibilidade de uma nova interpretação de mundo. O Facebook apesar de ser a possibilidade para novas interpretações de mundo, acomoda-se em ser mais do mesmo, em ser quase que “ a diferença que não faz diferença”(HALL, 2009) pois, apesar de ser uma plataforma potente para vozes marginalizadas carrega em seu gene o preconceito e a criminalização destas mesmas vozes. Sabendo que por trás de algoritmos e Padrões da Comunidade há pessoas pensando todo esse engendramento, não há como negar que o que acontece com negras mulheres na rede social é sim parte de um racismo institucionalizado presente na sociedade como um todo e que agora, passa a se converter como estrutura até mesmo desta rede social, o racismo sai do off-line vai para as redes, discriminando e banindo aqueles que desestabilizam os “padrões”, que como bem

indagado pela entrevistada 1: “*Que padrões é esse? (...)*”, que padrões são esses que na prática criminalizam o que negras mulheres dizem como discurso de ódio e legítima como humorístico a fala racista de usuários brancos?

Apesar de haver um texto de longas páginas onde o Facebook explica cada um destes padrões podemos notar que há uma deficiência no tratar destas questões e que isto é percebido e vivido por estas negras mulheres que utilizam a rede, pois a partir do momento em que dentro dos Padrões da Comunidade se diz aceitar comentários humorísticos, o Facebook blinda os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, como dito por Carlos Moore (2012), a medida em que autoriza seus usuários a tratar como piada uma questão de vida e criminaliza quem diga ao contrário, perdendo pouco a pouco sua coerência como uma rede de compartilhamento e validando a disseminação de discursos de ódio, racismo e intolerância na rede on-line.

4.2.4 O que publicam as negras mulheres?

Para compreendermos o que tem motivado os discurso de ódio direcionado as negras mulheres no Facebook, além dos apresentados acima, temos como **terceiro objetivo específico** identificar quais os conteúdos estas negras mulheres estão compartilhando e trocando entre si. Dessa forma as respondentes do questionário on-line, responderam a questão de múltipla escolha “Sobre quais assuntos você mais costuma escrever/compartilhar no seu Facebook?”.

Conforme coletado, os conteúdos que negras mulheres têm compartilhado diz respeito principalmente a: (21) Representatividade, (21) Ativismo, (19) Cultura, (18) Feminismo, (18) Cotas, (17) Educação, (16) Violência, (16) Gênero, (15) Interseccionalidades e (15) Sexualidade. O número ao lado de cada tema corresponde a quantidade de negras mulheres que estão falando disto.

Entrevistada 3: *“Sobre racismo, sobre mulher negra, sobre genocídio, pode parecer meio pesado mas... As vezes compartilho memes também, pra dar uma relaxada. Mas ultimamente eu ando menos “polêmica” no Facebook assim. Vira e mexe aparece aquelas lembranças de um ano, dois anos atrás e eu fico nossa, tipo hoje em dia eu tô mais de boa. Tipo não que eu ache que a gente tem que relaxar, mas eu tô pensando muito assim antes de escrever, tô pensando muito em me preservar e também minha saúde, daí eu percebo que eu mudei um pouco assim sobre isso. Mas eu acho que é um processo natural assim...”*

Djamilla Ribeiro em seu livro “O que é lugar de fala?”, concordando com bell hooks, vai tratar sobre como mulheres negras são muitas vezes vistas como intrusas e de mentalidade estreita pela sociedade branca intelectual, porém o que mostram os dados é que mesmo que em condições profundamente desvantajosas negras mulheres estão desenvolvendo estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto)definição (WERNECK, 2010). Há um compartilhamento de saberes entre elas, que se mostram abertas a discussão e a novas formas de pensar e atuar sobre o mundo, como mostra a fala da entrevistada 2, que disse não utilizar mais o Facebook com tanta frequência, acessando mais o Instagram atualmente e agindo *“mais na questão da micropolítica assim, atingindo as pessoas da minha volta, acho que eu ganho mais dessa maneira.”* A entrevistada ainda faz uma importante consideração do desejo de escrever sobre outras coisas que não a fala que denuncie questões sociais:

Entrevistada 2: *“Eu gosto muito de escrever, mas eu não tive nenhum ímpeto de escrever alguma coisa que tá acontecendo agora. Porque no Brasil a gente tem muito essa de toda a escrita sobre raça, tem que ser a escrita da denuncia, a escrita do racismo, a escrita atrelada ao branco sabe, enquanto a gente podia tá escrevendo sobre como amar a gente mesmo, como criar as nossas comunidades, como nos fortalecer e eu acho que to mais por essa via.”*

Esta falta de ímpeto na escrita pode ser entendida como uma falta de autorização para o negro descentralizar e desvincular sua fala à pessoa branca, pois como já dito, a entrevistada 2 é a mesma que tinha uma página no Facebook voltada para pessoas negras e que foi excluída após muitos bloqueios. Tanto a entrevistada 3, quanto a entrevistada 2, falam intrinsicamente da saúde mental da população negra, do amor e preocupação de e para pessoas negras e como isso é dificilmente aceito. Se hoje encontramos como norteador na fala destas negras mulheres ciberativistas a fala que denuncia questões sociais, há um grande clamor para que não só se supere estas questões desfavoráveis a

população negra socialmente, como também a superação para tratar de outras temáticas que carecem por ser discutidas entre a população negra.

Mesmo assim, a fala da denúncia destas mulheres, é a fala que atualmente lhes dá a possibilidade de encontro umas com as outras, de fortalecimento e união através da luta e estes assuntos pertinentes compartilhados nas redes sociais por estas negras mulheres ciberativistas têm provocado o rompimento do discurso vigente dominante (RIBEIRO, 2017) e é o que tem gerado tantas discussões, pois quando quem está na base da sociedade reivindica representatividade, por exemplo, ela não só está propondo uma nova visão crítica de mundo, como está confrontando toda a estrutura que se beneficia com o outro lado da moeda, pois como dito por Brah (2006) “O sujeito político do feminismo negro descentra o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico”. Quando negras mulheres expõem estes assuntos nas redes elas estão propagando, orientando e questionando para a construção de um projeto futuro (TORO; WERNECK, 1996, p.5) dentro do campo de visão do inimigo.

4.2.5- Ação e reação do off-line ao on-line

Entendendo sobre o quê estas negras mulheres tem falado nas redes sociais, nos cabe ver como os outros usuários têm reagido a presença destas que tem desestabilizado as estruturas. Para isso estabelecemos como **quarto objetivo específico**, investigar as reações on-line e off-line diante dos comentários que estas negras mulheres recebem em suas postagens e elaboramos as perguntas: “Você já foi ofendida nos comentários destas publicações?”, “Quais comentários mais lhe ofenderam?” e “Como você reagiu a esta situação? Conversou com alguém sobre isto?” Das 21 negras mulheres que se consideram ciberativistas, todas afirmaram atualmente abordar estes assuntos no seu ambiente familiar, de trabalho e com amigos. Para estas ciberativistas também foi perguntado se já haviam sido ofendidas nos comentários de suas publicações e 15 delas afirmaram que sim, já haviam sido ofendidas nas redes, onde os comentários que mais ofenderam, dentre outras respostas, foram:

- *“que quero aparecer, vitimista, "divisora" do movimento, identitária.”* - Respondente 6

- *“Comentários com ameaça de estupro”* - Respondente 9

- *“Os que tentaram me diminuir como pessoa e me trataram como burra (geralmente desconhecidos ou amigos de amigos, todos brancos) e os que vieram de*

amigos(as) que "escorregaram" em seu racismo, quando a troca de comentários ficou mais acalorada." - Respondente 19

- "vitimismo"; "levanta a cabeça" como se racismo iria acabar assim; "amargurada"; "mimimi" - Respondente 23

- "Vagabunda comunista." - Respondente 27

- "Na maioria das vezes foram comentários machistas contestando minha sanidade e o alvoroço acima do problema, me chamando de louca, dizendo que estou vendo coisa onde não tem, "isso é mimimi", etc. Geralmente os debates que mais me atingem são os debates feministas e a questão das cotas para os negros. " - Respondente 35

Já com as entrevistadas obtive as seguintes respostas:

Entrevistada 1: "Não eu acho que só foram esses assim que me chamaram de racista, ou com ofensas, de otária, ridícula enfim, mas nada que tenha me ofendido assim tão... Eu me ofenderia se fosse uma outra pessoa do Movimento, ou outra pessoa assim, mas nada a ponto de me desestabilizar assim."

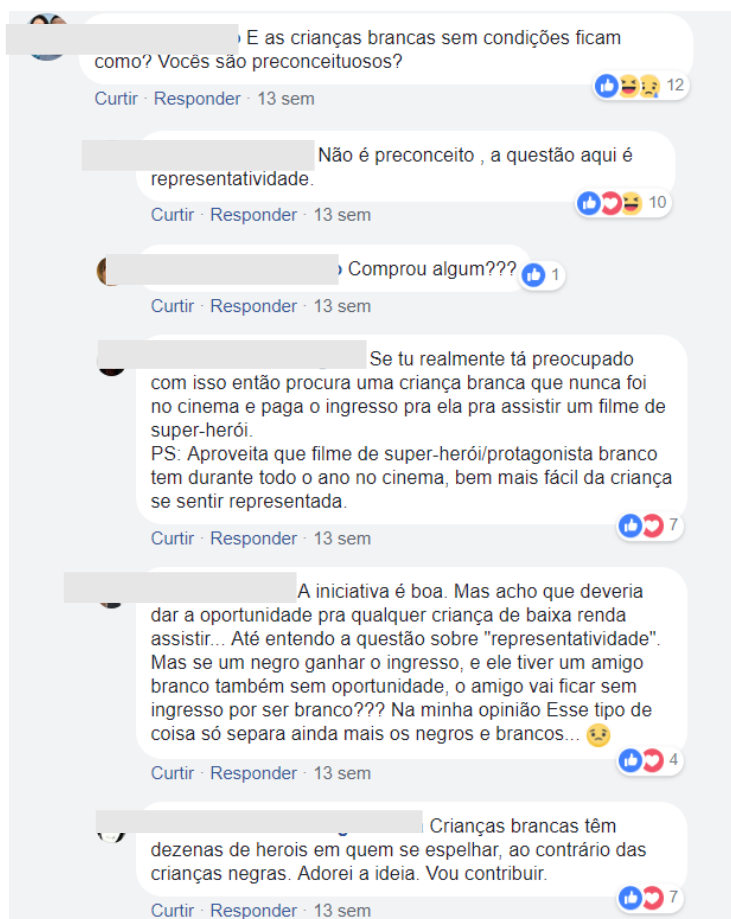
Entrevistada 2: "Sim, me afetou, mas é que depois das primeiras vezes tu tipo acostuma né. O que a gente não deveria né, mas é também um mecanismo de defesa né, meio que passa por cima, ta ok, aquela pessoa... E entender que cada uma ta no seu teto sabe, tu não vai conseguir mudar todo o mundo e tu vai ter que conviver com pessoas racistas"

Entrevistada 3: "Teve um post meu que gerou muita polêmica, que foi quando eu fiz uma [Postagem denunciando] denuncia sobre a CAF (eu não sei se tu pode botar isso no teu trabalho mas enfim), era quando eu era bolsista da Coordenadora de Ações Afirmativas, mas eu fiz um post fechado, só pra alguns amigos, restrito sabe?! Enfim, esse post ele foi... printaram esse post, imprimiram e enviaram pra eles e teve consequências do tipo que eles me enviaram pra outro local e foi também na época que me desencadeou ansiedade assim, muita. Eu não conseguia vir pra aula, vir pra outra bolsa que eu tava fazendo e acho que atingiu minha saúde mental assim."

A Entrevistada 1, ainda compartilhou alguns prints que ela fez durante a campanha de arrecadação de ingresso e são um importante dado tanto para analisar o posicionamento dos usuários do Facebook e o quanto a rede social potencializa e restringem vozes. A primeira publicação da entrevistada, mesmo a pós a ligação do Facebook se desculpando foi excluída, no entanto a segunda postagem teve 1,2 mil curtidas, 581 comentários, 788

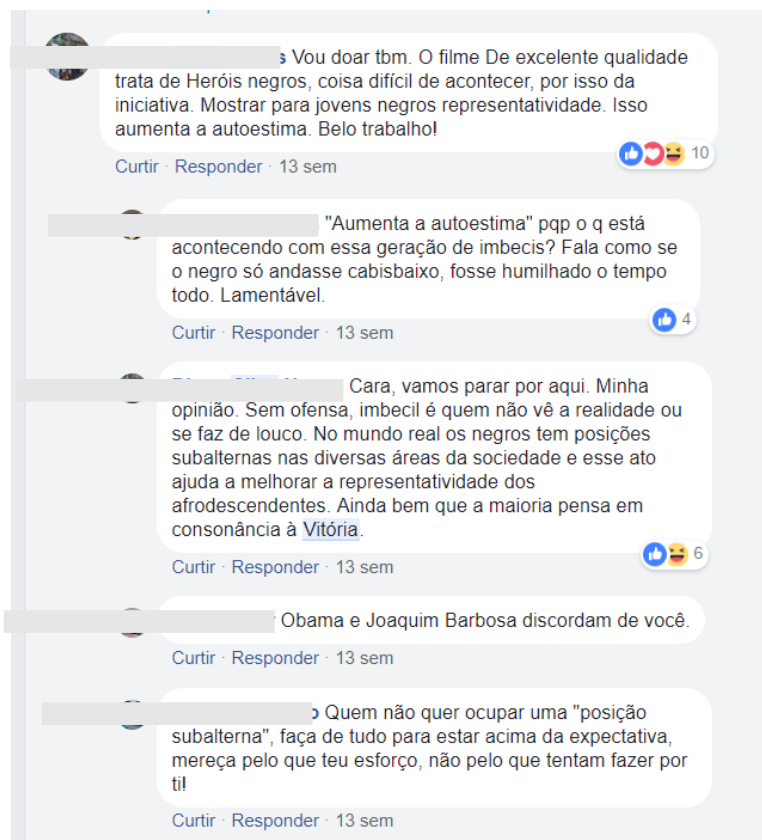
compartilhamentos e levou cerca de 400 crianças ao cinema. Mesmo assim muitos usuários demonstraram insatisfação com a ação como mostra as figuras a seguir (de 5 a 8).

Figura 6 - Print dos comentários da segunda publicação da campanha



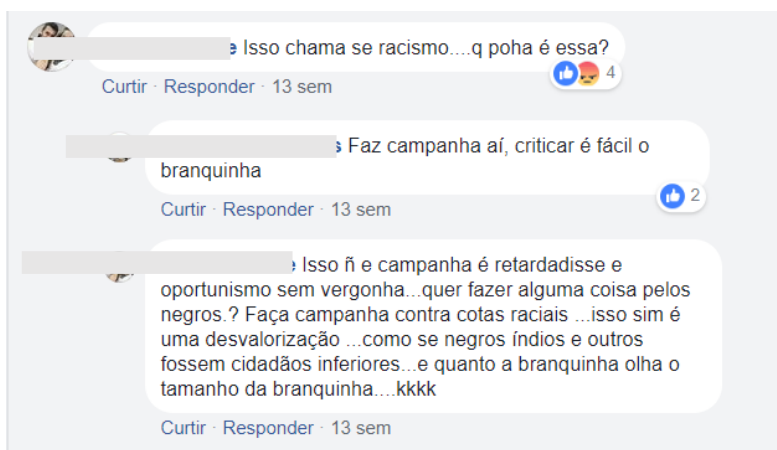
Fonte: entrevistada 1.

Figura 7 - Print dos comentários da segunda publicação da campanha



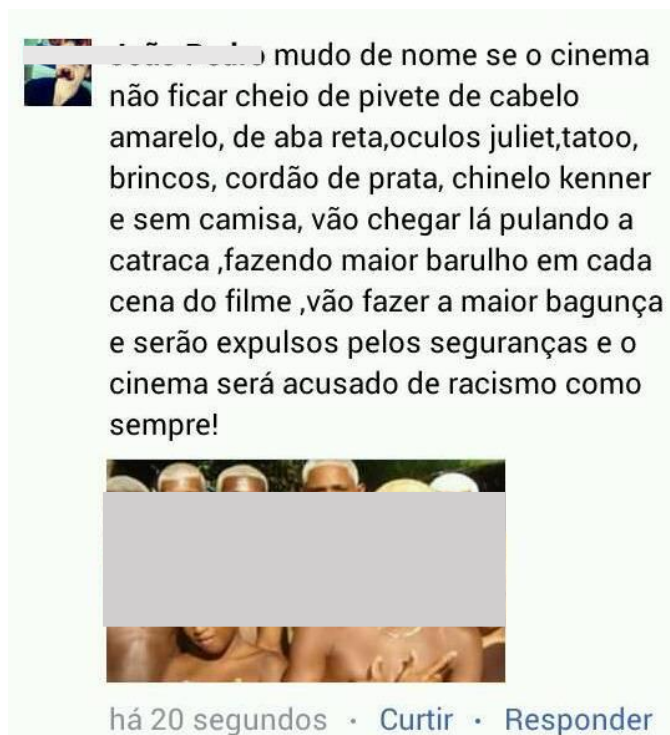
Fonte: entrevistada 1.

Figura 8– Print do comentário da segunda publicação da campanha



Fonte: entrevistada 1.

Figura 9 – Print dos comentários da segunda publicação da campanha



Fonte: entrevistada 1.

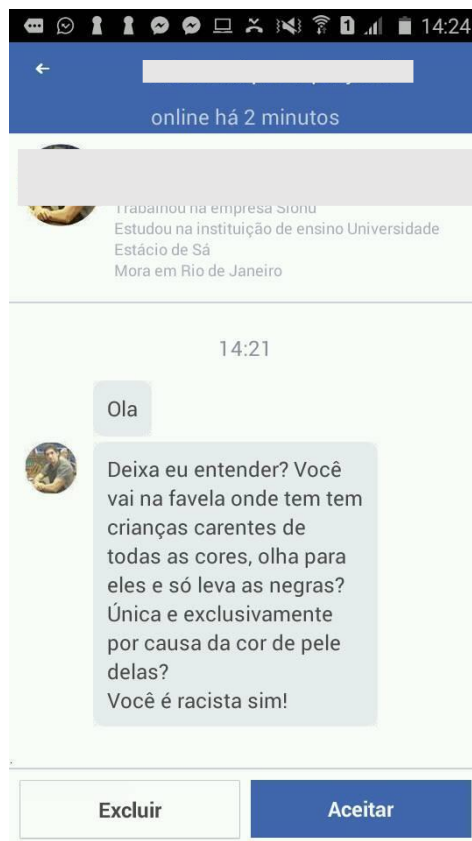
Como a entrevistada não respondia os comentários na publicação, os usuários, além dos comentários começaram a enviar mensagens no chat privado dela, como podemos ver nas figuras 10 e 11:

Figura 10 – Mensagem recebida após a campanha



Fonte: entrevistada 1.

Figura 11 – Mensagem recebida após a campanha



Fonte: entrevistada 1.

Estas ciberativistas ofendidas responderam também a como reagiram a esta ofensa e das 15 mulheres ofendidas em suas postagens somente 2 afirmaram ter pensado em registrar boletim de ocorrência devido ao fato.

- *“Produzi a partir desta demanda outros textos, conversei com pessoas que me acolhessem.”* - Respondente 6

- *“Psicóloga. Psicóloga mulher e preta. Já tive outros profissionais, mas somente uma irmã pra nos entender. Conversei sobre isso em casa também, mas os familiares só aconselham que nos afastemos tudo.”* - Respondente 11

- *“Converso sempre bastante com amigos e meus pis, e também procuro não manter relações próximas com essas pessoas ou entrar em novas discussões. Algumas pessoas também bloqueei.”* - Respondente 19

- *“Fiquei abalada, conversei com amigas.”* - Respondente 27

- *“Converso com amigos, mas não entro em discussão nas redes sociais.”* - Respondente 33

- *“Chamei a pessoa no inbox” - Respondente 36*

Dentre os objetivos específicos, o mais difícil de analisar foi este sobre a repercussão na vida destas negras mulheres, sobre os comentários que estas recebem, pois trata-se de uma violência tão sutil mas que tem estragos absurdamente horríveis para a saúde mental da população negra que vivencia essas e outras tantas questões. Neste ponto, assim como ao longo de todo o trabalho é impossível pra mim enquanto negra mulher, me distanciar da dor vivenciadas dentro e fora das redes por estas.

“Escrever é uma maneira de sangrar” diz Conceição Evaristo em um de seus contos no livro *Olhos D’Água* e de fato, estas negras mulheres estão se deixando sangrar expondo as violências sofridas, falando das exclusões que lhes são impostas, de todas as dificuldades que elas compartilham em suas escritas. Estão falando de dor, estão falando de luta, estão falando de indignação, mas principalmente estão falando sobre resistência e de vidas, vidas negras. E as tentativas constantes de silenciamento, tem negado a estas mulheres o direito a voz e o direito a vida (RIBEIRO,2017), pois quem não pode falar? Negras mulheres estão descentrando e desestabilizando identidades, disputando discursos e lutando pelo direito a voz, a vida que lhes é negada enquanto pessoa negra e enquanto mulher e, como resultado disto, estas têm tido que enfrentar as suas próprias dores, a medida que compartilham com as outras com a fala da denuncia, como também estar preparadas para receber mais dor em cima desta dor compartilhada com aqueles que tem em seu cerne a essência da repressão que “encontra-se simplesmente em afastar algo e mantê-lo à distância do consciente” (KILOMBA, p. 177).

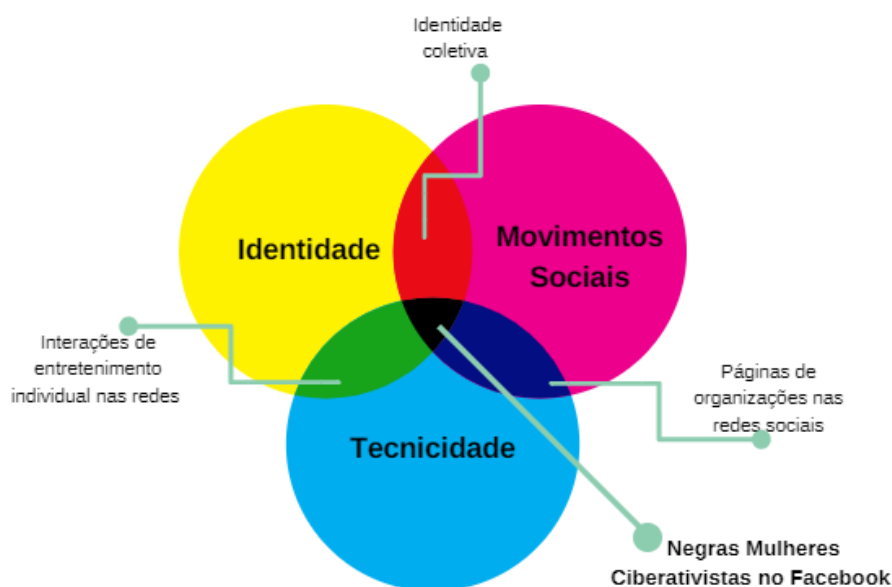
Os comentários recebidos por estas negras mulheres dos usuários do Facebook, são, portanto, a personificação do sujeito que entende inconscientemente o mundo e a si próprios “como uma identidade dependente, que existe através da exploração do ‘Outro (negro)’, uma identidade relacional construída por brancos (branquitude)”(Toni Morrison, 1992. apud Kilomba. p. 175). Pois estes não autorizam ao sujeito negro, desvincular a sua fala ao sujeito branco (criador) e também não autorizam o sujeito negro a criticar a identidade do sujeito universal (padrão/dominador), dando as pessoas negras o direito somente de falar aquilo que lhes é permitido seguindo os “padrões da comunidade”.

4.3. Negras mulheres gerenciando espaços de ativismo nas redes sociais

A partir do que foi analisado anteriormente, a fim de mostrar o alcance de cada objetivo específico, é possível responder à questão que norteou esta pesquisa. Diante da mediação estrutural da tecnicidade, as negras mulheres têm trabalhado nestes espaços a partir de um esforço de um passado histórico de ativismo off-line, que vem tanto de seu histórico familiar, quanto de seu histórico acadêmico, e passam a atuar, ora para o fortalecimento de seus pares, ora para disputar narrativas, partindo dos limites que os usuários e a rede social (on-line e off-line) infelizmente ainda tentam delimitar a estas mulheres. Estes delimites, como podemos ver ao longo do trabalho, vêm de todo um histórico off-line da imposição à subalternização de corpos negros (e, neste caso, ainda, femininos) a brancos, e passa a ser reafirmado no âmbito on-line a medida em que o discurso feito por estas mulheres é entendido pelo Facebook como violência, gerando o bloqueio de seus perfis.

Podemos perceber o quanto a identidade individual, coletiva e a tecnicidade se misturam na atuação e vivência destas negras mulheres, de modo que para ficar mais visível organizamos o seguinte diagrama:

Gráfico 7- Diagrama



Fonte: a autora.

A vivência destas negras mulheres, foi entendida neste trabalho a partir do diagrama apresentado, a medida em que discorreremos sobre a identidade destas, como elas se entendiam e participavam coletivamente de grupos, e como era a sua relação com as redes. No entrecruzamento das três, podemos notar a atuação destas negras mulheres ciberativistas, que agem no Facebook, partindo de uma lógica de disputa de identidade de projeto (CASTELLS, 2011), onde fazem dos seus perfis pessoais nas redes a porta de entrada para discussões aprofundadas sobre os mais variados temas e que tem, em certa medida, negado e recontado a historiografia tradicional.

Com estes dados, é possível compreender o protagonismo destas negras mulheres a partir de seu ativismo nas redes sociais, objetivo geral desta pesquisa. O protagonismo é entendido, aqui, como uma luta ciberativista de enfrentamento diário de um racismo e uma luta discursiva que se dá através de questões sociais que são vivenciadas por elas em suas diversas redes. Discurso e vivência estão intrinsecamente ligados às realidades colocadas e discutidas na rede social por elas, sendo a atuação destas divididas ainda em dois modos: as que atuam no sentido de descentralização do sujeito, e as que, além disto, disputam narrativas através de postagens. Para estas pertencentes ao segundo modo de atuação, é legado o bloqueio da rede social que interpreta as suas falas como ameaça, e as criminaliza, excluindo seus conteúdos e as banindo da rede social. Se, como dito por Martín-Barbero, as redes são cada vez menos entendidas como ferramenta, e mais como novas formas de interpretar o mundo, o que o Facebook vem fazendo atualmente é revisitar a velha forma racista de criminalizar o sujeito negro e atuar de diferentes formas com sujeitos brancos e negros, ou seja, institucionalizando o racismo - operando “de forma diferenciada na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população do ponto de vista racial.”(LÓPEZ,2012, p.127).

Como tentativa de amenizar as situações de discriminação vivenciada até mesmo no âmbito on-line, negras mulheres têm se organizado através de grupos, páginas e coletivos, que atuam tanto no âmbito digital, quanto off-line. Como é o caso da Rede de Ciberativistas Negras (promovida pela Organização Sociedade Civil Criola), que busca desenvolver ações rápidas através do ciberativismo e potencializar estratégias de comunicação desenvolvida por negras mulheres, a fim de fortalece-las na luta contra o racismo e o machismo. Estas estratégias criadas podem ser entendidas como formas de (re)existência, pois a medida que o histórico da população negra envolveu como a

primeira coisa a separação dos mais variados povos vindos do Continente Africano, esta é a primeira vez que há a possibilidade de pessoas negras de existirem, se organizarem e se conectarem novamente umas com as outras. Esta nova forma de existir, permite uma nova forma de resistência e retomada do levante negro, o que tem sido possível, no Brasil, principalmente devido ao protagonismo destas negras mulheres que vêm dando “a letra” do futuro que está por vir como negros e como nação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O instigante questionamento do porquê a fala das mulheres negras tem incomodado tanto, já há muito tempo vinha fazendo parte das minhas reflexões - e este trabalho serviu de chave para tentar, de algum modo, identificar contextualmente estes porquês. Mesmo que muito deles já previamente conhecidos por quem vivencia isso diariamente, é preciso falar sobre as obviedades, ainda mais quando se trata de hegemonias, como é o caso da branquitude. Tratar sobre este tema, em um Trabalho de Conclusão de Curso, me gerou um medo tremendo de que as possibilidades de existência futura na Academia me fossem impedidas justamente por colocar o dedo na ferida, mas não há como fugir do caminho já traçado. Se iniciei nesta Faculdade batendo na tecla de raça, não teria como ser diferente minha saída (e eu bem que tentei nas inúmeras possibilidades de temas pensados anteriormente para o TCC). Mas o fato é que, após os ataques sofridos na internet por negras mulheres próximas a mim - que estavam falando nada além da realidade vivenciada por elas, por mim e por tantas de nós - fez com que eu me questionasse sobre o que significa pra nós o direito a fala.

Por isso iniciei este trabalho pensando no silenciamento imposto a estas mulheres no on-line, a partir de práticas de banimento, exclusão e denúncia ao Facebook e, para entender como estas negras mulheres têm superado isto, formulei como problema de pesquisa a pergunta “como negras mulheres têm gerenciado espaços de ativismo nas redes sociais diante da mediação estrutural da tecnicidade?” Tendo como objetivo geral, compreender o protagonismo destas negras mulheres a partir de seu ativismo nas redes sociais e buscando responder o problema de pesquisa, foram pensados como objetivos específicos: **1)** compreender o histórico de ativismo on-line e off-line destas mulheres; **2)** averiguar as percepções destas sobre os espaços de redes sociais on-line; **3)** identificar quais os conteúdos estas negras mulheres estão compartilhando e trocando entre si e **4)** investigar as reações on-line e off-line diante dos comentários que estas negras mulheres recebem em suas postagens.

Desta forma, conseguimos compreender, no primeiro objetivo específico, que o histórico de ativismo off-line pressupõe o histórico de ativismo on-line destas negras mulheres, a medida que, suas vivências - desde a infância, no colégio, junto a suas

famílias e, posteriormente, na faculdade-, vinham já sendo discutidas antes de partirem para o on-line. Sendo este a porta de entrada para se (re)conectarem com outros indivíduos negros que partilham das mesmas vivências, ganhando assim amplitude em seus discursos e representando, de certa forma, os mesmos. A questão da representatividade e do lugar de fala é um fator muito importante na atuação delas no âmbito on-line, de forma que suas falas têm potência e servem de referência entre as mesmas. Elas se veem, portanto, como capazes de construir mudanças e, fortalecidas com as ações off-line partem para o on-line para provocar e propagar mudanças.

Já no segundo objetivo específico, pudemos averiguar que as percepções destas sobre os espaços de redes sociais on-line, são nitidamente observados por estas como um espaço ambíguo - que as permitem se conectarem com outras visões de mundo, mas as tolhe por padrões da comunidade que, são entendidos por estas, como mais uma forma de violências institucionais e sociais que estão partindo do off-line para o on-line. Se, por um lado, estas utilizam o Facebook como plataforma para ampliar campanhas, ações e o compartilhamento de informações, estas também sabem os limites que lhes é concedido pela rede e pelos usuários. Conseguimos verificar que nos Padrões da Comunidade do Facebook, apesar do longo texto, o tema racial é tratado nas entrelinhas, de forma que, não só deixa a desejar, como dá margem para que aconteça abusos dentro da rede. A plataforma ainda dá margem para “comentários humorísticos a questões sociais”, o que possibilita aos usuários tratar qualquer temática como piada e enquadra a fala das negras mulheres como “ameaça direta à segurança pública”, a medida em que esta é a única coisa que possibilita o Facebook de remover/banir/excluir conteúdos - segundo os Padrões da Comunidade.

No terceiro objetivo específico conseguimos identificar que há uma grande variedade de conteúdos compartilhados por estas negras mulheres, e que estes temas tratados por elas são ligados a sua identidade de negra mulher, e, mais que isso, carregam a multiplicidade de assuntos que também estão intrínsecos à identidade destas. Neste objetivo específico, conseguimos compreender, também, como a fala destas mulheres está vinculada a “fala da denúncia”, que expõe as injustiças sociais, e como negras mulheres anseiam pela superação de tais questões sociais, para que possam começar a trazer em sua fala outras formas de viver, principalmente de bem viver. Outro vínculo a que a fala destas negras mulheres está ligada é à branquidade, que dificilmente aceita o tratar de temáticas centrais à população negra, quando estas expõe em seus perfis

peçoais. Para este já há um movimento em busca da centralidade negra, através de grupos fechados no Facebook direcionados a pessoas negras, páginas no Facebook com temáticas negras (que normalmente são banidas da rede), mas há ainda uma extrema dificuldade branca em perceber-se descentralizada do mundo, pois a superação do “brancocentrismo” ainda causa uma medíocre reação destes que não conseguem perceber as novas condições de mundo. Outro ponto que conseguimos identificar foi a forma como estas retratam a diversidade, que pode ser entendida também como um aspecto da representação, pois estas negras mulheres estão mais que se auto-definindo, estão, a medida que compartilham, redefinindo padrões hegemônicos de discursos. A fala destas mulheres é, portanto, importante, não somente para comunidade negra, como para todos aqueles que anseiam e estão dispostos a mover-se de seus locais de privilégio em busca de um novo futuro, dando lugar a inclusão de novas vozes e experiências.

No quarto objetivo específico conseguimos investigar as reações on-line e off-line diante dos comentários que estas negras mulheres recebem em suas postagens, e nela pudemos conferir como o segundo objetivo está interligado à reação dos usuários que opõem-se a fala destas, a medida em que dá margem e permite que estes ataquem estas mulheres. Conseguimos perceber, também, como estes ataques sofridos on-line saem do âmbito digital e estão ligados ao sofrimento e desgaste mental destas mulheres como: crise de ansiedade, estresse, desgaste mental. Interessante perceber, ainda, como poucas pensam em registrar boletim de ocorrência ou denunciar os abusos vivenciados na rede ao Facebook, justamente por desacreditarem na justiça quando tratados sobre temáticas raciais.

Com estes dados pudemos alcançar o objetivo geral e compreender o protagonismo destas negras mulheres a partir de seu ativismo nas redes sociais, sendo este vinculado principalmente ao que tange questões sociais experienciadas no off-line e partindo para on-line, para o compartilhamento destas vivências. Discurso e vivência estão intrinsicamente ligados às realidades colocadas e discutidas na rede social por elas, sendo a atuação destas entendido aqui como uma luta ciberativista de enfrentamento diário de um racismo e uma luta discursiva que se dá através de questões sociais que são vivenciadas por elas fora das redes.

Com todos estes apontamentos conseguimos responder ao problema de pesquisa deste trabalho: “como negras mulheres têm gerenciado espaços de ativismo nas redes sociais diante da mediação estrutural da tecnicidade?”, onde pudemos concluir que,

mesmo com limites impostos a estas mulheres, estas atuam no sentido de transgredir os padrões normativos e passam o seu histórico de ativismo off-line para o on-line, agindo para o fortalecimento dos seus pares e disputando narrativas.

Estas negras mulheres, aliando teoria à prática, têm desestabilizados estruturas e, com suas falas, promovem um estilhaçar de máscaras: da subalternidade do negro ao branco, na medida em que passam a se auto-definirem; da incapacidade intelectual negra, pois estão atuando tanto na Academia, quanto nas ruas com aqueles que não têm acesso à educação superior, moldando seus discursos para o entendimento de todos; da bondade branca, a medida que, com suas falas, a máscara destes cai sobre o chão, este mesmo onde tantos de nós foram e são enterrados; da agressividade negra, pois cada vez fica mais nítido que agressivo mesmo são as inúmeras tentativas de deslegitimar pessoas negras; do machismo, pois provam que negras mulheres, mais que corpo, são intelecto; e finalmente, estilhaçam a máscara do silêncio imposto aos subalternizados, pois provam que sua fala, não só desestabiliza, como constrói pontes para um novo futuro, onde o respeito às individualidades de cada sujeito possam ser respeitadas e, principalmente, valorizadas.

Após mais de três meses da morte da Vereadora Marielle Franco - negra mulher, lésbica, mãe, filha, irmã, periférica, e tantas outras coisas que continuam compondo sua identidade, agora em outro plano -, morta, ao que tudo indica, por escancarar a violência direcionada a pessoas negras no Rio de Janeiro, em suas lutas diárias e em seu perfil pessoal no Facebook, é certo que ter o direito a voz, é ter o direito à vida. Pois, se a vida de uma negra mulher foi ceifada pelo simples fato de falar (e até agora sem punição aos mandantes), é sinal de que o que estamos falando não só incomoda, como desestabiliza estruturas que dependem do nosso silêncio para existir. E a medida que falamos, que reivindicamos nosso direito à fala, estamos reivindicando o direito à vida, a uma vida plena, de qualidade, bem vivida, como vem sendo por todos aqueles que se beneficiam com a hostilidade social que negros e demais minorias são tratados.

Se a militância não está para pessoas negras, pelo simples fato de serem, acredito que o ativismo está para negras mulheres desde o seu nascimento. Ativismo diário, pois, assim como as águas, estas têm adquirido mais força a medida em que se encontram e contornando os obstáculos e intemperes do caminho continuam avançando, projetando-se ao futuro, reconectando-se umas com as outras, criando laços, novos discursos, novas

formas de ver e experienciar o mundo. O caminho está traçado e só não beberá desta água quem se recusar a fluir.

Como apontamento final, explico a vontade em aprofundar a pesquisa sobre a identidade de negras mulheres e suas intersecções (raça, classe, gênero, escolaridade) e ainda explorar mais sobre conceitos como a tecnopolítica e o Mapa das Mediações, que aqui, tratando-se de uma monografia, foram utilizados de forma reduzida.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAKIJA, Ana. Mídia e Identidade Negra. In: Mídia e Racismo. Rio de Janeiro: DP et Alii Editora Ltda, 2012.

ALCÂNTARA, Livia Moreira de. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.8, n.23, p. 73-97, jun.-set.2015. Disponível em <<https://reveistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/22474/18888>> Acesso em 16 de mai. 2018.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458, jan. 1995.. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>>. Acesso em: 20 de abr. 2018.

BATISTA, Alisson Ferreira. **Trejetos e Percursos: das (im)possibilidades de enfrentamento do racismo dentro da Academia**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: fatos e mitos. 4 ed. Difusão Européia, São Paulo, 1970. Disponível em <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>> Acesso em 15 de abr. 2018.

BENTO, M. A. S. (orgs.). Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, p. 25-58, 2002.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu, v.26, janeiro-junho de 2006: pg. 329-376.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Racismos contemporâneos. Organização, Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano Ed, 2003.

_____. A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do ser. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2005.

CASTELLS. M. A ° O poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel De. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. 3. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em <<https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invencao3a7c3a2o-do-cotidiano.pdf>> Acesso em 20 de abr. 2018.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>> Acesso em 20 de abr. 2018.

_____. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso, Cadernos Pagu, v.51, [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em

<<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510018.pdf>>
Acesso em 15 de mar.2018.

FERES JUNIOR, João. A atualidade do Pensamento de Guerreiro Ramos. Caderno CRG, vo. 28 bo 73. Salvador, 2015. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v28n73/0103-4979-ccrh-28-73-0111.pdf>>

GIROUX, Henry A. Por uma Pedagogia Política da Branquidade. Cadernos de pesquisa, no 107, 1999. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a04.pdf>>
Acesso dia 27 de março de 2018

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. Vol. 3, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982. Disponível em <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-hasenbalg-lugar-de-negro1.pdf>> Acesso em 5 de mai. 2018.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovick. Tradução de Adelaine La Guardia Resende... [et al]. 1ª Ed atualizada. Belo Horizonte: Editora IFMG, 2006. Disponível em < http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Da_Diaspora_-_Stuart_Hall-book.pdf>
Acesso dia 28 de março de 2018.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016,

KILOMBA, Grada. A Máscara. Cadernos de Literatura em Tradução, n. 16, 2010p. 171-180. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>>
Acesso em 15 de mar. 2018.

LIMA, Ana Nery Correia. Mulheres Militantes Negras: a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. 2013, Belo Horizonte. Anais CONINTER 2. Disponível em < <https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro.pdf>>
Acesso em 10 de abr. 2018.

LÓPEZ, L.C. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. In: Interface - Comunic., Saude, Educ., v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n40/aop0412.pdf>> Acesso 20 de mai. 2018

LORDE, Audre. As ferramentas do mestre nunca vão dismantelar a casa-grande. [S.l.: s.n.]. Disponível em < <http://niltonluz.blogspot.com/2012/02/o-texto-abaixo-e-uma-fala-de-audre.html>> Acesso em 20 de abr. 2018.

_____. Textos Escolhidos. Heretica Edições Lesbosfeministas Independentes. S.l.: s.n.]. Disponível em < <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf>>
Acesso em 15 abr. 2018.

Manzo, A.J. (1971). Manual para la preparación de monografías: una guía para presentar informes y tesis. Buenos Aires: Humanistas.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos Meios às Mediações: Comunicação Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2008. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/1CQbSr7201SJDa6nmKqEycgDINRGzvayB/view>> Acesso em 12 de abr. 2018

_____. Convergencia digital y diversidade cultural. In: MORAES, D. de. **Mutaciones de lo visible**: comunicación y procesos culturales em la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2010.

MATTAR, F. N. (1994) Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise, 2a. ed. São Paulo: Atlas, 2v., v.2.

MINAYO, Maria Cecília. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOORE, Carlos. Racismo e Sociedade Novas Bases Epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte, 2012.

MOTTA, Pedro Mourão Roxo da; BARROS, Nelson Filice de. Resenha. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 31, n. 6, p. 1339-1340, Jun 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000601339&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 mai. 2018.

PEIRÓ, Patricia. Assim os algoritmos perpetuam a desigualdade social. **El País**, Madri, 17 de abr. 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/12/tecnologia/1523546166_758362.html> Acesso em 16 de mai. 2018.

PEREIRA, Amilcar Araujo. “O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 262 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1254.pdf>> Acesso em 05 de mai. 2018.

PESQUISA FAPESP. Jesús Martín-Barbero: As formas mestiças da mídia. São Paulo, Edição 163, set. 2009.

POMPEU, Fernanda. Assim Falou Luiza Bairros. Portal Geledés, 1 de out. 2016. Disponível em <https://www.geledes.org.br/assim-falou-luiza-bairros/>> Acesso em 15 de mai. 2018.

RECUERO, Raquel. A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SALAS, Javier. Google concerta seu algoritmo “racista” apagando os gorilas. **El País**, 16 de jan. 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/14/tecnologia/1515955554_803955.html> Acesso em 16 de mai. 2018.

SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Disponível em <<https://perspectivasqueeremdebate.files.wordpress.com/2013/10/spivak-pode-o-subalterno-falar.pdf>> Acesso em 5 de mar. 2018.

SELLTIZ, Claire et al. (1974) Métodos de pesquisa nas relações sociais. 3 a . ed. São Paulo: E.P.U

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ciberativismo, Cultura Hacker e o Individualismo Corporativo. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 28-39, junho/agosto 2010. Disponível em <<http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/viewFile/13811/15629>> Acesso dia 16 de mai.2018.

TEIXEIRA, Antonio Alves. Anastácia: escrava e mártir negra. São Paulo, Editora Eco, 2012

TORET, Javier. Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuída. Informe de investigación. Versión 1.0, Barcelona, 2013. Disponível em < [https://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20\(2\).pdf](https://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20(2).pdf)> Acesso em 16 de mai. 2018.

UGARTE, D. El poder de las redes. Manual para personas, colectivos y empresas abocadas al ciberperiodismo. Madrid: Ediciones El Cobre., 2007. Disponível em < <http://www.pensamientocritico.org/davuga0313.pdf>> Acesso 10 de mai. 2018.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da ABPN, vol. 1, n. 1, mar-jun 2010.

_____. Prefácio: Olhos D’Água. In: Conceição Evaristo. 1 ed. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2014.

APENDICE A – Questionário

Ciberativistas Negras

Este questionário tem por objetivo analisar como mulheres negras têm enfrentado os constantes ataques racistas e machistas nas redes sociais, especificamente no Facebook. Ele faz parte dos instrumentos de coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Gabriela Seixas do Curso de Graduação em Relações Públicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela Professora Doutora Mônica Pieniz. Todas as informações aqui fornecidas serão confidenciais e utilizadas apenas para fins acadêmicos, preservando-se a identidade dos sujeitos respondentes. Qualquer dúvida ou esclarecimento podem ser obtidos com a pesquisadora pelo email gabriela.seixas@ufrgs.com.

*Obrigatório

Idade *

Menos de 18 anos

Entre 18 a 30anos

Entre 31 a 35anos

Entre 36 a 40anos

Entre 41 a 45anos

Entre 46 a 50 anos

Mais de 51 anos

NS/NR

Outro:

De acordo com a classificação adotada pelo IBGE a sua cor/raça é: *

Branca

Parda

Amarela

Indígena

Preta

NS/NR

Outro:

Escolaridade *

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

Mestrado

Doutorado

NS/NR

Estado/Cidade/Bairro *

Sua resposta

Filhos

Nenhum 1

2

3

4

5 ou mais

Você já denunciou algum conteúdo no Facebook?

Sim Não

Do que se tratava a publicação?

Sua resposta

Após a denúncia, você teve algum retorno do Facebook?

Sim, recebi uma mensagem de que iriam analisar o caso

Sim, o conteúdo foi excluído

Não acompanhei após a denúncia

Você conhece mulheres negras que tenham sido bloqueadas?

Sim Não

Quantas?

Por qual motivo você segue o perfil destas mulheres no Facebook?

Sua resposta

Você já teve seu perfil bloqueado pelo Facebook?

Sim

Não

Quantas vezes você já teve seu perfil bloqueado pelo Facebook?

1

2

3

4 ou mais

Do que se tratava a(s) publicação(ões) bloqueada(s)?

Sua resposta

A publicação em questão teve o conteúdo REMOVIDO do Facebook?

Sim

Não

Você conversava sobre estes assuntos no seu grupo de convívio (família/amigos) antes de começar a postar no Facebook?

Sim

Não

NS/NR

Estas publicações tiveram alguma repercussão em sua vida, além do âmbito digital?

Sim Não

Quais?

Sua resposta

Você organiza alguma atividade/ação/evento com o intuito de propagar suas idéias e conhecimentos?

- Sim
- Não

Você se considera Ciberativista?

- Sim
- Não

Sobre quais assuntos você mais costuma escrever/compartilhar no seu Facebook

- Alimentação
- Acessibilidade
- Arquitetura
- Atividade
- Beleza
- Tranquilidade/Tranquilidade
- Cinema
- Classe
- Compartilhamento de fontes bibliográficas
- Comunicação e Mídias
- Cotas
- Cultura
- Dança
- Desenvolvimento
- Direito
- Educação
- Economia
- Eventos
- Epistemologia
- Feminismo
- Gênero
-

Diversidade

Identificação

Identidades

Interssexualidades

Inclusão

Leis

Maternidade

Mercado de Trabalho

Mobilidade Urbana

Moda

Moradia

Música

Oportunidade de emprego/cursos

Padrões estéticos

Pesquisas

Relatividades

Relacionamentos

Religião

Representatividade

Saúde

Sexualidade

Tradições

Transexualidade

Transporte

Violência

Outros:

Quais motivos a levaram a compartilhar estas ideias no Facebook?

Sua resposta

Você atualmente aborda estes assuntos no seu ambiente familiar, no trabalho e com amigos?

Sua resposta

Você já foi ofendida nos comentários destas publicações?

Sim

Não

Quais comentários mais lhe ofenderam?

Sua resposta

Como você reagiu a esta situação? Conversou com alguém sobre isto?

Sua resposta

Você pensou em registrar boletim de ocorrência devido a esta situação?

Sim

Não

Como você lida com as configurações de privacidade do Facebook? Tem conhecimento sobre isto?

Sua resposta

Qual era a configuração de privacidade da(s) postagem(ens)?

-
- Público
- Amigos
- Amigos específicos

Caso queira, compartilhe conosco estas publicações

Anexo A – Padrões da Comunidade Facebook

Introdução
I. Comportamento violento e criminoso
II. Segurança
III. Conteúdo questionável
IV. Integridade e autenticidade
V. Com respeito à propriedade intelectual
VI. Solicitações relativas a conteúdo

INTRODUÇÃO

Todos os dias, as pessoas acessam o Facebook para compartilhar suas histórias, ver o mundo através dos olhos de outras pessoas e se conectar com amigos e causas. As conversas que ocorrem no Facebook revelam a diversidade de uma comunidade de mais de dois bilhões de pessoas, que interliga países, culturas e diversos idiomas por meio da publicação de textos, fotos e vídeos.

Reconhecemos a importância do Facebook como um local onde as pessoas sintam que têm poder de comunicação e levamos a sério nosso papel de eliminar dos nossos serviços todo tipo de abuso. Por essa razão, desenvolvemos um conjunto de Padrões da Comunidade que detalham o que é ou não permitido no Facebook. Nossos Padrões se aplicam em todo o mundo e a todos os tipos de conteúdo. Eles foram concebidos para serem abrangentes. Por exemplo, o conteúdo que talvez não seja considerado discurso de ódio ainda pode ser removido por violação de nossas políticas contra bullying.

O objetivo dos Padrões da Comunidade é incentivar a expressão e criar um ambiente seguro. Nossas políticas baseiam-se na contribuição da nossa comunidade e dos especialistas de áreas de tecnologia e segurança pública, por exemplo. Essas políticas também têm como base os seguintes princípios:

Padrões da Comunidade | Facebook



Segurança: As pessoas precisam sentir-se seguras para construir uma comunidade. Assumimos o compromisso de remover conteúdo que promova riscos no mundo real, inclusive (entre outros) danos físicos, financeiros e emocionais.



Voz: Nossa missão busca abraçar a diversidade de visões. Preferimos errar por permitir determinado conteúdo, mesmo que algumas pessoas o considerem questionável, a menos que sua remoção possa prevenir um dano específico. Além disso, por vezes, autorizaremos conteúdo que possa violar de alguma forma nossos padrões, se considerarmos que ele é digno de notícia, significativo ou importante para o interesse público. Só fazemos isso após considerar o valor para o interesse público do conteúdo frente ao risco de dano no mundo real.



Igualdade: Nossa comunidade é global e diversa. Nossas políticas podem parecer amplas, mas isso ocorre porque as aplicamos de forma coesa e justa a uma comunidade que transcende regiões, culturas e idiomas. Como resultado, os Padrões da Comunidade às vezes poderão parecer menos flexíveis do que gostaríamos, levando a um resultado que contradiz seu princípio subjacente. Por essa razão, em alguns casos, e quando temos um contexto suplementar, baseamos nossa decisão nesse espírito e não na aplicação severa da política.

Todos no Facebook têm um papel na manutenção da segurança e do respeito na plataforma. Pedimos que as pessoas

compartilhem com responsabilidade e que nos informem quando virem algo que viole os Padrões da Comunidade. Facilitamos a maneira de enviar para nossa análise conteúdo com potencial de violação, inclusive Páginas, Grupos, perfis, conteúdo individual e/ou comentários. Também damos às pessoas a opção de [bloquear](#), [deixar de seguir](#) ou [ocultar](#) pessoas e publicações, para que possam controlar suas próprias experiências no Facebook.

As consequências da violação dos Padrões da Comunidade variam de acordo com a gravidade e com o histórico do usuário na plataforma. Por exemplo, podemos notificar alguém por uma primeira violação, mas se a pessoa persistir na violação de nossas políticas, podemos restringir sua possibilidade de publicar no Facebook ou mesmo desativar seu perfil. Também podemos notificar as autoridades quando julgarmos haver um risco real de danos físicos ou ameaça direta à segurança pública.

Os Padrões da Comunidade, que seguiremos atualizando com o tempo, servem de guia sobre como se comunicar no Facebook.

É nesse espírito que pedimos aos membros da comunidade do Facebook para seguir estas diretrizes.

[I. Comportamento violento e criminoso](#)



Anexo B – Padrões da Comunidade: Violência Plausível

<p>Introdução</p> <hr/> <p>I. Comportamento violento e criminoso</p> <hr/> <p>1. Violência plausível</p> <p>2. Organizações e indivíduos perigosos</p> <p>3. Promoção ou divulgação de crimes</p> <p>4. Coordenação de danos reais</p> <p>5. Produtos controlados</p> <hr/> <p>II. Segurança</p> <hr/> <p>III. Conteúdo questionável</p> <hr/> <p>IV. Integridade e autenticidade</p> <hr/> <p>V. Com respeito à propriedade intelectual</p> <hr/> <p>VI. Solicitações relativas a conteúdo</p>	<h3>1. Violência plausível</h3> <hr/> <p>Fundamento da política</p> <p>Nosso objetivo é evitar potenciais danos no mundo real que possam estar relacionados a conteúdo do Facebook. Entendemos que as pessoas comumente expressam desdém ou desacordo por meio de ameaças ou incitação à violência de maneira cômica e não real. Por isso, procuramos levar em conta a linguagem, a situação e os detalhes para poder distinguir declarações casuais de conteúdo que constitua uma ameaça real à segurança pública ou pessoal. Quando tentamos determinar se uma ameaça é real, podemos levar em conta também informações adicionais, como a vulnerabilidade e a visibilidade pública de determinada pessoa. Removeremos conteúdo, desativaremos contas e poderemos trabalhar com as autoridades locais se notarmos um risco real de danos físicos ou ameaça direta à segurança pública.</p> <hr/> <p></p> <p>Não publique:</p> <p>As seguintes ameaças:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Declarações reais de intenção de praticar violência contra qualquer indivíduo, grupos de pessoas ou lugares (cidades ou locais menores). Avaliamos a plausibilidade com base nas informações disponíveis para nós e, em geral, consideramos as declarações como reais se constatado o seguinte: <ul style="list-style-type: none"> • Um alvo (indivíduo, grupo de pessoas ou um lugar) e <ul style="list-style-type: none"> • Recompensas/pedidos de pagamento ou • Menção ou imagem de armas específicas ou • Oferta de venda ou pedido de compra de arma ou • Endereço ou local especificado ou • Um alvo e dois ou mais dos seguintes detalhes (podem ser dois do mesmo detalhe): <ul style="list-style-type: none"> • Localização • Horário • Método • Qualquer declaração de intenção de cometimento de violência contra um indivíduo vulnerável (identificado por nome, título, imagem ou outra referência) ou grupo vulnerável, inclusive (entre
---	--

outros) chefes de Estado, testemunhas e informantes confidenciais, ativistas e jornalistas

Incitação à violência ou declarações em apoio à violência contra os seguintes alvos (identificados por nome, título, imagem ou outra referência)

- Qualquer indivíduo ou grupo de pessoas vulnerável, inclusive, entre outros, chefes de Estado, políticos eleitos, testemunhas e informantes confidenciais, ativistas e jornalistas
- Pessoas públicas, se plausível tal como definido acima
- Grupos de pessoas ou pessoas específicas não identificadas, se plausível
- Lugares, se plausível
- Sem alvo especificado, mas com a inclusão de um símbolo representativo do alvo ou uma imagem de armas

Declarações condicionais ou que aspirem à violência contra

- Qualquer grupo vulnerável
- Pessoas públicas, se plausível (salvo se o indivíduo for condenado por determinados crimes ou se for membro de uma organização perigosa)
- Uma ou mais pessoas vulneráveis, se plausível
- Grupos de pessoas ou pessoas específicas não identificadas, se plausível
- Lugares, se plausível

Qualquer conteúdo criado com o propósito explícito de divulgar um indivíduo como membro de um grupo de risco designado e reconhecível

Instruções de como fabricar ou usar armas se o objetivo for ferir ou matar pessoas, conforme evidenciado por:

- Linguagem que declara explicitamente esse objetivo ou
- Imagens que mostrem ou simulem o resultado (ferimento grave ou morte) como parte da instrução
- Salvo se houver um contexto claro de que o conteúdo seja para um propósito alternativo (por exemplo, compartilhado como atividades de autodefesa recreativa, treinamento militar nacional, videogames comerciais ou coberturas jornalísticas)


Instruções de como fabricar ou usar explosivos, salvo se ficar evidente um contexto de que o conteúdo se destina a um propósito não violento (por exemplo, um propósito claramente educacional/científico ou fogos de artifício).

Exposição da identidade de indivíduos vulneráveis sem a permissão destes

Qualquer conteúdo com declarações de intenção, chamada à ação ou apoio à violência em razão de resultado de uma eleição

2. Organizações e indivíduos perigosos

Anexo C – Indivíduos Perigosos

<p>Introdução</p>	<h2>2. Organizações e indivíduos perigosos</h2>
<p>I. Comportamento violento e criminoso</p> <p>1. Violência plausível</p> <p>2. Organizações e indivíduos perigosos</p> <p>3. Promoção ou divulgação de crimes</p> <p>4. Coordenação de danos reais</p> <p>5. Produtos controlados</p>	
<p>II. Segurança</p>	<p></p> <p>Não permitimos que as seguintes pessoas (vivas ou falecidas) ou grupos façam parte (por exemplo, possuam uma conta, Página, grupo) de nossa plataforma:</p> <p>Terroristas e organizações terroristas</p> <ul style="list-style-type: none"> · Define-se organização terrorista como:
<p>III. Conteúdo questionável</p>	
<p>IV. Integridade e autenticidade</p>	
<p>V. Com respeito à propriedade intelectual</p>	
<p>VI. Solicitações relativas a conteúdo</p>	

- Qualquer organização não governamental envolvida em atos premeditados de violência contra pessoas ou propriedades a fim de intimidar civis, governos ou organizações internacionais por um fim ideológico, religioso ou político
- Membros de organizações terroristas ou toda pessoa que cometa um ato terrorista são considerados terroristas
- Define-se ato terrorista como uma ação premeditada de violência contra pessoas ou propriedades cometida por um agente não governamental a fim de intimidar civis, governos ou organizações internacionais por um fim ideológico, religioso ou político.

Organizações de ódio, seus líderes e membros proeminentes

- Define-se organização de ódio como:

- Qualquer associação de três ou mais pessoas organizada sob um nome, signo ou símbolo, com ideologia, declarações ou ações físicas que ataquem indivíduos com base em características como raça, afiliação religiosa, nacionalidade, etnia, gênero, sexo, orientação sexual, doença ou deficiência grave.

Assassinos em série ou em massa

- Consideramos um homicídio como assassinato em massa se ele resultar em quatro ou mais mortes em um incidente
- Consideramos um assassino em série todo indivíduo que tenha cometido dois ou mais homicídios em diversos incidentes ou locais
- Fazemos essas avaliações com base nas informações disponibilizadas a nós e aplicaremos esta política a um assassino em massa ou em série que preencha quaisquer dos seguintes critérios:
 - Ter sido condenado por um assassinato em massa ou em série.
 - Ter sido morto por autoridades policiais durante a execução de assassinatos em massa ou em série ou durante a fuga posterior.
 - Ter se matado na cena ou após o assassinato em massa ou em série.
 - Ter sido identificado por autoridades policiais com imagens do crime.

Grupos de tráfico humano e seus líderes

- Grupos de tráfico humano são organizações responsáveis por quaisquer das seguintes ações:
 - Prostituição de terceiros, trabalho forçado, escravidão ou remoção de órgãos
 - Recrutamento, transporte, transferência, detenção, provisão, guarda ou recepção de menores ou de adultos contra a vontade destes

Organizações criminosas, seus líderes e membros proeminentes

- Define-se organização criminosa como:
 - Qualquer associação de três ou mais pessoas organizada sob um nome, cor(es), gesto(s) manual(is) ou indícios reconhecíveis, que tenha se envolvido ou ameace se envolver em atividade criminosa, inclusive (entre outras)
 - Homicídio
 - Tráfico de drogas
 - Tráfico de armas
 - Roubo de identidade
 - Lavagem de dinheiro
 - Extorsão ou tráfico
 - Agressão
 - Sequestro
 - Exploração sexual (abordada na [seção 7](#) e [seção 8](#))

Não permitimos em nossa plataforma o compartilhamento de símbolos que representem os indivíduos ou organizações acima sem um contexto que condene ou debata com neutralidade o conteúdo.

Não permitimos conteúdo que exalte os indivíduos ou organizações acima ou os atos cometidos por eles.

Não permitimos a coordenação de apoio aos indivíduos ou organizações acima ou aos atos cometidos por eles.



1. Violência plausível

3. Promoção ou divulgação de crimes



Anexo D – Padrões da Comunidade Promoção ou divulgação de Crimes

<p>Introdução</p>	<h3>3. Promoção ou divulgação de crimes</h3>
<p>I. Comportamento violento e criminoso</p>	<p>Fundamento da política</p> <p>Proibimos a promoção ou divulgação de crimes violentos, roubos e/ou fraudes, pois não apoiamos a aceitação dessas atividades e devido ao risco de comportamentos de imitação. Também não permitimos a descrição de atividades criminosas ou a confissão de crimes cometidos por uma pessoa ou associados a ela. Permitimos, entretanto, que as pessoas debatam ou defendam a legalidade de atividades criminosas, bem como abordem o assunto de modo retórico ou satírico.</p>
<p>1. Violência plausível</p> <p>2. Organizações e indivíduos perigosos</p> <p>3. Promoção ou divulgação de crimes</p> <p>4. Coordenação de danos reais</p> <p>5. Produtos controlados</p>	<p></p> <p>Não publique:</p> <p>Conteúdo que exiba, admita ou exalte os seguintes atos criminosos cometidos por você ou seus associados</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atos de agressão física contra pessoas • Atos de agressão física contra animais, salvo em casos de caça, pesca, sacrifício religioso ou preparação/processamento de alimentos • Caça furtiva ou venda de espécies ameaçadas ou suas partes • Lutas encenadas entre animais • Furtos • Vandalismos ou danos à propriedade • Fraude • Tráfico conforme mencionado na seção 2 • Violência ou exploração sexual, inclusive agressão sexual conforme mencionado na seção 7 e seção 8
<p>II. Segurança</p>	<p>< 2. Organizações e indivíduos perigosos</p>
<p>III. Conteúdo questionável</p>	<p>4. Coordenação de danos reais ></p>
<p>IV. Integridade e autenticidade</p>	
<p>V. Com respeito à propriedade intelectual</p>	
<p>VI. Solitações relativas a conteúdo</p>	

Anexo E- Padrões da Comunidade: Danos Reais

<p>Introdução</p>	<h3>4. Coordenação de danos reais</h3> <p>Fundamento da política</p> <p>Em um esforço para evitar e acabar com os danos no mundo real, proibimos a facilitação ou coordenação de atividades criminosas futuras com a intenção de causar danos a pessoas, empresas ou animais. É possível chamar a atenção para atividades nocivas testemunhadas ou experimentadas, desde que não haja apoio a essas atividades ou coordenação de danos reais.</p>
<p>I. Comportamento violento e criminoso</p>	
<p>1. Violência passível</p>	
<p>2. Organizações e indivíduos perigosos</p>	
<p>3. Promoção ou divulgação de crimes</p>	
<p>4. Coordenação de danos reais</p>	
<p>5. Produtos controlados</p>	<p></p> <p>Não publique:</p> <p>Declarações de intenção, chamada à ação ou apoio a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ato de agressão física contra pessoas - Ato de agressão física contra animais, salvo em casos de caça, pesca, sacrifício religioso ou preparação/processamento de alimentos - Caça furtiva ou venda de espécies ameaçadas e suas partes - Lutas encenadas entre animais - Furtos - Dano à propriedade/vandalismo - Frieira - Tráfico conforme mencionado na seção 2 - Violência ou exploração sexual, inclusive agressão sexual conforme mencionado na seção 7 e seção 8 <p>Orientas de serviços de contrabando ou assistência no tráfico de pessoas.</p>
<p>II. Segurança</p>	<p>< 3. Promoção ou divulgação de crimes</p>
<p>III. Conteúdo questionável</p>	<p>5. Produtos controlados ></p>
<p>IV. Integridade e autenticidade</p>	
<p>V. Com respeito à propriedade intelectual</p>	
<p>VI. Solicitações relativas a conteúdo</p>	

Anexo F- Padrões da Comunidade – Segurança

Introdução
I. Comportamento violento e criminoso
II. Segurança
6. Automutilação e suicídio
7. Nudez infantil e exploração sexual de crianças
8. Exploração sexual de adultos
9. Bullying
10. Assédio
11. Violações de privacidade e direitos de privacidade de imagem
III. Conteúdo questionável
IV. Integridade e autenticidade
V. Com respeito à propriedade intelectual
VI. Solicitações relativas a conteúdo

Segurança

6. Automutilação e suicídio

Em um esforço para promover um ambiente seguro no Facebook, removemos conteúdo que incentive o suicídio ou a automutilação, inclusive representações em tempo real que possam levar outros a praticar atos semelhantes. Define-se automutilação como uma agressão intencional e direta ao corpo, inclusive distúrbios alimentares. Queremos que o Facebook seja um espaço onde as pessoas possam compartilhar experiências, gerar conscientização sobre essas questões e apoiar umas às outras durante experiências difíceis, por isso, permitimos o debate sobre o suicídio e a automutilação. Incentivamos as pessoas a buscar e a oferecer apoio umas às outras em relação a esses tópicos difíceis.

Trabalhamos com organizações no mundo todo para oferecer assistência a pessoas em dificuldades. Também conversamos com especialistas em suicídio e automutilação para ajudar a orientar nossas políticas em sua respectiva aplicação. Por exemplo, especialistas nos aconselharam a não remover vídeos ao vivo de automutilação enquanto houver a oportunidade de pessoas próximas e das autoridades oferecerem ajuda ou recursos.

Removemos todo conteúdo que identifique e vise negativamente, de maneira humorística ou retórica, vítimas ou sobreviventes de automutilação ou suicídio. No entanto, as pessoas podem compartilhar informações sobre automutilação e suicídio para chamar atenção para a questão e permitir o debate, desde que não exaltem ou incentivem essas ações.

7. Nudez infantil e exploração sexual de crianças

Não permitimos conteúdo que explore sexualmente ou coloque

crianças em perigo. Ao tomar ciência de um caso aparente de exploração infantil, fazemos uma denúncia ao National Center for Missing and Exploited Children (Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Exploradas — NCMEC), em cumprimento às leis aplicáveis. Sabemos que, às vezes, as pessoas compartilham imagens de seus próprios filhos nus sem más intenções; no entanto, geralmente removemos essas imagens devido ao potencial de abuso por parte de outros e para evitar a possibilidade de reuso ou apropriação indevida dessas imagens por terceiros.

Também trabalhamos com especialistas externos, inclusive com o [Comitê Consultivo de Segurança do Facebook](#), para debater e aprimorar nossas políticas e sua aplicação em torno de questões de segurança online, sobretudo no que tange a menores de idade.

8. Exploração sexual de adultos

Reconhecemos a importância do Facebook como um local para debater e chamar atenção para a exploração e a violência sexual. Acreditamos que essa é uma parte importante para se criar uma comunidade e entendimento comum. Em um esforço para criar espaço para essa conversa e promover um ambiente seguro, removemos conteúdo que representa, ameaça ou promove violência, abuso ou exploração sexual, além de proporcionar um espaço para as vítimas compartilharem suas experiências. Removemos conteúdo que exibe, defende ou coordena serviços sexuais comerciais ou atos sexuais sem o consentimento de uma das partes. Fazemos isso para evitar facilitar transações que possam envolver tráfico, coerção e atos sexuais sem consentimento. "Serviços sexuais" incluem prostituição, serviços de acompanhante, massagens sexuais e atividades sexuais filmadas.

Para proteger as vítimas e os sobreviventes, nós também removemos fotografias que apresentem incidentes de violência sexual e imagens íntimas compartilhadas sem a permissão das pessoas retratadas. Para obter informações adicionais sobre esses esforços, visite o guia [Como usar tecnologia para proteger imagens íntimas e ajudar a criar uma comunidade segura](#) e o nosso [guia de como denunciar e remover imagens íntimas compartilhadas sem o seu consentimento](#).

9. Bullying

O bullying ocorre em muitos lugares e se apresenta de variadas formas, desde declarações que desabonam o caráter de uma pessoa até a publicação de imagens inapropriadas e ameaças a alguém. Não toleramos bullying no Facebook pois queremos que os membros de nossa comunidade se sintam seguros e respeitados.

Removeremos todo conteúdo que ataque intencionalmente indivíduos específicos com a intenção de difamar ou humilhar. Entendemos que o bullying pode ser especialmente nocivo aos menores de idade, e nossas políticas oferecem proteção intensificada a eles por serem mais vulneráveis e suscetíveis ao bullying online. Em determinados casos, solicitamos que os indivíduos que forem alvo de bullying denunciem o conteúdo para nós antes de removê-lo.

Nossas políticas contra o bullying não se aplicam a figuras públicas, pois queremos permitir o diálogo, que em geral inclui debates críticos de pessoas que aparecem nas notícias ou que têm um grande público seguidor. No entanto, os debates sobre figuras públicas devem atender aos Padrões da Comunidade, e removeremos conteúdo sobre figuras públicas que violem outras políticas, inclusive discurso de ódio ou ameaças reais.

Nossa [Central de Prevenção ao Bullying](#) é um recurso voltado para adolescentes, pais e educadores em busca de suporte para questões relacionadas ao bullying e a outros conflitos. Ela oferece orientações detalhadas, inclusive sobre como iniciar conversas importantes para pessoas que sofrem bullying, para pais cujo filho sofra ou tenha sido acusado de praticar bullying e para educadores que tenham alunos envolvidos com a prática de bullying.

10. Assédio

Não toleramos assédio no Facebook. Queremos que as pessoas se sintam seguras para se envolver e se conectar com a comunidade. Nossa política contra assédio se aplica a pessoas públicas e a particulares, pois queremos impedir um contato indesejado ou malicioso na plataforma. O contexto e a intenção contam. Assim, permitimos que as pessoas compartilhem publicações se ficar claro que algo foi compartilhado a fim de

condenar ou chamar atenção para o assédio. Além de denunciar o referido comportamento e conteúdo, incentivamos as pessoas a usar as ferramentas disponíveis no Facebook para ajudar na proteção contra tal prática.

[LEIA MAIS](#)

11. Violações de privacidade e direitos de privacidade de imagem

A privacidade e a proteção de informações pessoais são valores fundamentais para o Facebook. Investimos um grande esforço para garantir a segurança de sua conta e a proteção de suas informações pessoais e, assim, proteger você de potenciais danos físicos ou financeiros. Não publique informações pessoais ou confidenciais de outras pessoas sem o consentimento prévio delas. Também damos às pessoas maneiras de denunciar imagens que julguem violar seus direitos de privacidade.

[LEIA MAIS](#)



I. Comportamento violento e criminoso

III. Conteúdo questionável



Anexo G – Padrões da Comunidade – Segurança: Conteúdo Questionável

I. Comportamento violento e criminoso

II. Segurança

III. Conteúdo questionável

12. Discurso de ódio

13. Violência explícita

14. Nudez adulta e atividades sexuais

15. Conteúdo cruel e insensível

IV. Integridade e autenticidade

V. Com respeito à propriedade intelectual

VI. Solicitações relativas a conteúdo

Conteúdo questionável

12. Discurso de ódio

Não permitimos discurso de ódio no Facebook por criar um ambiente de intimidação e de exclusão que, em alguns casos, pode promover violência no mundo real.

Definimos discurso de ódio como um ataque direto a pessoas com base no que chamamos de características protegidas: raça, etnia, nacionalidade, filiação religiosa, orientação sexual, sexo, gênero, identidade de gênero e doença ou deficiência grave. Também oferecemos proteções para o status migratório. Definimos ataques como discursos violentos ou degradantes, declarações de inferioridade ou incentivo à exclusão ou segregação. Classificamos os ataques em três níveis de gravidade, descritos abaixo:

Às vezes, as pessoas compartilham conteúdo com discurso de ódio alheio com o objetivo de conscientizar e educar. De maneira semelhante, em alguns casos, palavras ou termos que poderiam violar nossos padrões são usados de maneira autorreferente ou para fortalecer uma causa. Quando este for o caso, permitiremos o conteúdo, mas esperamos que as pessoas indiquem claramente as suas intenções, o que nos ajudará a compreender melhor por que compartilharam o referido conteúdo. Se a intenção não for clara, poderemos remover o conteúdo.

Permitimos comentários sociais e humorísticos relacionados a esses tópicos. Além disso, acreditamos que, quando as pessoas usam a identidade real, são mais responsáveis no compartilhamento desse tipo de comentário.

13. Violência explícita

Removemos conteúdo que exalte a violência ou celebre a humilhação ou o sofrimento de outras pessoas, pois tal conteúdo pode criar um ambiente que desestimula a participação. Permitimos conteúdo explícito (com algumas restrições) para ajudar as pessoas a gerar conscientização sobre algumas questões. Sabemos que as pessoas valorizam a possibilidade de debater sobre temas relevantes, como violações de direitos humanos ou atos de terrorismo. Sabemos também que as pessoas apresentam diferentes reações a conteúdo explícito e violento. Por isso, adicionamos um rótulo de aviso a conteúdo muito explícito ou violento para que tal conteúdo não fique disponível para menores de 18 anos e para que as pessoas estejam cientes de sua natureza explícita ou violenta antes de clicar para vê-lo.

14. Nudez adulta e atividades sexuais

Restringimos a exibição de imagens com nudez ou atividade sexual porque algumas pessoas podem ser especialmente sensíveis a esse tipo de conteúdo. Além disso, removemos por padrão imagens sexuais para impedir o compartilhamento de conteúdo de menores ou não consentido. As restrições relativas à exibição de atividade sexual também se estendem ao conteúdo digital, salvo quando publicado por motivos educativos, humorísticos ou satíricos.

Nossas políticas a respeito de nudez ficaram mais flexíveis com o passar do tempo. Entendemos que a nudez pode ser compartilhada por variadas razões, inclusive como forma de protesto, para conscientização sobre uma causa ou por motivos médicos e educacionais. Quando tal intenção fica clara, abrimos exceções para o conteúdo. Por exemplo, embora restrinjamos algumas imagens dos seios femininos que incluam o mamilo, permitimos outras imagens, incluindo as que mostram atos de protesto, mulheres engajadas ativamente na causa da amamentação e fotos de cicatrizes pós-mastectomia. Também permitimos fotos de pinturas, esculturas e outras obras de arte que retratem figuras nuas.

15. Conteúdo cruel e insensível

Acreditamos que as pessoas compartilham e se conectam mais livremente quando não se sentem visadas por suas vulnerabilidades. Assim, temos expectativas maiores para conteúdo que consideramos cruel e insensível, que definimos como aquele que visa vítimas de danos físicos ou emocionais graves.

[LEIA MAIS](#)




II. Segurança

IV. Integridade e autenticidade



Anexo H – Padrões da Comunidade-Segurança: Discurso de Ódio

<p>Introdução</p>	<h1>12. Discurso de ódio</h1>
<p>I. Comportamento violento e criminoso</p>	
<p>II. Segurança</p>	
<p>III. Conteúdo questionável</p>	
<p>12. Discurso de ódio</p>	
<p>13. Violência explícita</p>	
<p>14. Nudez adulta e atividades sexuais</p>	<p>Fundamento da política</p> <p>Não permitimos discurso de ódio no Facebook por criar um ambiente de intimidação e de exclusão que, em alguns casos, pode promover violência no mundo real.</p> <p>Definimos discurso de ódio como um ataque direto a pessoas com base no que chamamos de características protegidas: raça, etnia, nacionalidade, filiação religiosa, orientação sexual, sexo, gênero, identidade de gênero e doença ou deficiência grave. Também oferecemos proteções para o status migratório. Definimos ataques como discursos violentos ou degradantes, declarações de inferioridade ou incentivo à exclusão ou segregação. Classificamos os ataques em três níveis de gravidade, descritos abaixo:</p> <p>Às vezes, as pessoas compartilham conteúdo com discurso de ódio alheio com o objetivo de conscientizar e educar. De maneira semelhante, em alguns casos, palavras ou termos que poderiam violar nossos padrões são usados de maneira autorreferente ou para fortalecer uma causa. Quando este for o caso, permitiremos o conteúdo, mas esperamos que as pessoas indiquem claramente as suas intenções, o que nos ajudará a compreender melhor por que compartilharam o referido conteúdo. Se a intenção não for clara, poderemos remover o conteúdo.</p> <p>Permitimos comentários sociais e humorísticos relacionados a esses tópicos. Além disso, acreditamos que, quando as pessoas usam a identidade real, são mais responsáveis no compartilhamento desse tipo de comentário.</p>
<p>15. Conteúdo cruel e insensível</p>	
<p>IV. Integridade e autenticidade</p>	
<p>V. Com respeito à propriedade intelectual</p>	<p>Não publique:</p> <p>Ataques de nível um, que visam um indivíduo ou grupo de pessoas que apresentem uma das características ou status migratório acima (incluindo todos os subconjuntos, salvo os que</p>
<p>VI. Solicitações relativas a conteúdo</p>	<p>descrevem o cometimento de crimes violentos ou ofensas sexuais), em que se define ataque como</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qualquer discurso violento ou apoio à morte/doença/agressão • Discurso degradante, incluindo (entre outras coisas) <ul style="list-style-type: none"> • Referência ou comparação a sujeira, bactérias, doenças ou excrementos • Referência ou comparações a animais culturalmente percebidos como inferiores física ou intelectualmente • Alusão ou comparação a ser subumano • Deboche do conceito, de eventos ou de vítimas de crimes de ódio, mesmo que nenhuma pessoa real apareça na imagem • Comparações degradantes designadas de forma escrita e visual

Ataques de **nível dois**, que visam um indivíduo ou grupo de pessoas que compartilham de uma das características supracitadas, em que se define ataque como

- Declarações que sugiram deficiência moral, mental ou física de um indivíduo ou grupo
 - Física (inclusive, entre outras, "deformado", "atrofiado", "horrrível", "feio")
 - Mental (inclusive, entre outras, "retardado", "idiota", "QI baixo", "burro", "imbecil")
 - Moral (inclusive, entre outras, "safado", "falso", "fácil", "interesseiro")
- Expressões de desprezo, inclusive (entre outras)
 - "Odeio"
 - "Não gosto"
 - "X são os piores"
- Expressões de repulsa, inclusive (entre outras)
 - "Que nojo"
 - "Asqueroso"
 - "Repugnante"
 - Xingar um indivíduo ou grupo de pessoas que partilhem de características protegidas

Ataques de **nível três**, que são apelos pela exclusão ou segregação de um indivíduo ou grupo de pessoas com base nas características citadas acima. Permitimos críticas a políticas de imigração e argumentos em favor da sua restrição.

Conteúdo que descreva ou vise negativamente pessoas por meio de difamação, em que se define difamação como palavras comumente usadas como rótulos insultuosos para as características citadas acima.